

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

**MURIELL CUSTÓDIO KROLIKOWSKI**

**“MATERNIDADE É CONSTANTEMENTE FUGIR DO PLANEJADO”:  
um estudo autobiográfico sobre a conciliação da vida materna e acadêmica**

**Porto Alegre  
2023**

**MURIELL CUSTÓDIO KROLIKOWSKI**

**“MATERNIDADE É CONSTANTEMENTE FUGIR DO PLANEJADO”:  
um estudo autobiográfico sobre a conciliação da vida materna e acadêmica**

Trabalho de conclusão de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Luis Felipe Nascimento

Porto Alegre  
2023

**MURIELL CUSTÓDIO KROLIKOWSKI**

**“MATERNIDADE É CONSTANTEMENTE FUGIR DO PLANEJADO”:  
um estudo autobiográfico sobre a conciliação da vida materna e acadêmica**

Trabalho de conclusão de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Conceito final: A

Aprovada em: 30/08/2023

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador – Prof. Dr. Luis Felipe Nascimento – EA/UFRGS

---

Examinadora – Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Reichert – EA/UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Por sorte, minha rede de apoio é grande e, por ela, tenho muito a agradecer:

Ao meu marido, Pablo, por não me deixar desistir em nenhum momento e estar presente em cada passo, dentro e fora da minha vida acadêmica.

Aos meus pais, Jacqueline e Ricardo, e meu irmão, Lorenzo, por todo o amor, ensinamentos e conselhos ao longo da minha caminhada, mas principalmente à minha mãe, por me pegar pela mão quando tudo parecia perdido e me mostrar que o caminho é longo, mas vale a pena.

A estrela mais linda desse céu, minha avó, Ethel, por me ensinar a ser forte.

A pessoa que a UFRGS colocou na minha vida e mudou o rumo da minha maternidade na academia, acreditou em mim, mais do que eu mesma, e é um dos maiores motivos desse trabalho ter saído, minha inspiração, Mariana Vargas.

Aos meus amigos, por todo apoio.

Aos meus professores da Escola de Administração por todo conhecimento, em especial ao meu orientador Luis Felipe Nascimento.

A professora Fernanda Reichert que constituiu a banca examinadora, pela leitura e participação neste trabalho.

As entrevistadas, Marília Bossle e Fernanda Ramos, por compartilharem suas experiências.

E, por último, mas nunca o menos importante, ao meu filho Bernardo, motivo de eu ter me transformado em quem eu sou hoje e, principalmente, motivador dessa pesquisa.

## RESUMO

Este estudo investigou a conciliação entre maternidade e vida acadêmica de mães da Administração da UFRGS. Por meio de uma abordagem autobiográfica, **análise de dados secundários**, análise de conteúdo e revisão da literatura, o estudo teve como objetivo descrever a vivência de gestantes e mães universitárias, detalhar desafios enfrentados e estratégias adotadas na conciliação entre maternidade e vida acadêmica, e identificar o impacto da maternidade na trajetória acadêmica. A metodologia exploratória e descritiva incluiu a metodologia de História de Vida e **de dados secundários tais quais** entrevistas realizadas **para** o programa "PodSer - Extensão Universitária sobre Mães na Ciência". Os resultados revelaram desafios enfrentados pelas mães acadêmicas para equilibrar as demandas da vida acadêmica e familiar. Estratégias como flexibilidade de horários e redes de apoio emergiram como formas de lidar com esses desafios. A análise também destacou a importância de políticas institucionais mais inclusivas. A reflexão sobre a experiência da maternidade nas trajetórias acadêmicas foi vista como uma chamada à ação para mudanças culturais e estruturais nas instituições de ensino superior. O estudo ressalta que a maternidade não deve ser vista como um obstáculo, mas como uma dimensão que enriquece o ambiente acadêmico. A conscientização sobre essas questões é essencial para um ambiente acadêmico mais inclusivo. O trabalho também aponta para a necessidade de continuar pesquisando e discutindo o tema, considerando a diversidade de experiências maternas na academia. O estudo reconhece a contribuição das mães acadêmicas e destaca a importância de pesquisas futuras em temas como políticas institucionais, perspectiva dos pais e questões estruturais que contribuem para a desigualdade de gênero na academia.

Palavras-chave: maternidade; conciliação; academia; inclusão; rede de apoio.

## **ABSTRACT**

This study investigated the conciliation between motherhood and academic life among mothers in the Administration field at UFRGS. Through an autobiographical approach, secondary data analysis, content analysis, and literature review, the study aimed to describe the experiences of pregnant and university mothers, detail challenges faced, and strategies adopted to balance motherhood and academic life, as well as identify the impact of motherhood on academic trajectories. The exploratory and descriptive methodology included the Life History methodology and secondary data such as interviews conducted for the "PodSer - University Extension on Mothers in Science" program. Results revealed challenges faced by academic mothers in balancing academic and family demands. Strategies such as flexible schedules and support networks emerged as ways to navigate these challenges. The analysis also highlighted the importance of more inclusive institutional policies. Reflecting on the experience of motherhood in academic journeys was seen as a call to action for cultural and structural changes within higher education institutions. The study emphasizes that motherhood should not be seen as an obstacle, but as a dimension that enriches the academic environment. Awareness of these issues is crucial for a more inclusive academic setting. The study also points to the need for continued research and discussion on the subject, considering the diversity of maternal experiences in academia. The study acknowledges the contribution of academic mothers and highlights the importance of future research on topics such as institutional policies, parental perspectives, and structural issues contributing to gender inequality in academia.

Keywords: motherhood; reconciliation; academia; inclusion; support network.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo Geral.....	11
1.1.2 Objetivos Específicos.....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
2.1 A MULHER E SUA FORMAÇÃO EDUCACIONAL.....	12
2.2 CONCILIANDO MATERNIDADE E ACADEMIA.....	13
2.2.1 O Aumento de Carga Materna: Pandemia.....	16
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
3.1 PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA.....	18
3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	21
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>23</b>
4.1 RELATO AUTOBIOGRÁFICO - Minha vivência materna na academia.....	23
4.2 DADOS SECUNDÁRIOS.....	48
4.2.1 Entrevista com Fernanda Ramos.....	48
4.2.2 Entrevista com Fernanda Reichert.....	49
4.2.3 Entrevista com Marília Bonzanini Bossle.....	52
<b>5 DISCUSSÃO.....</b>	<b>54</b>
5.1 A VIVÊNCIA MATERNA.....	54
5.2 EXPERIÊNCIA E DESAFIOS DA MATERNIDADE.....	59
5.3 A CONCILIAÇÃO DA MATERNIDADE COM A VIDA ACADÊMICA.....	63
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE A - ENTREVISTA COM FERNANDA RAMOS.....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA COM FERNANDA REICHERT.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE C - ENTREVISTA COM MARÍLIA BONZANINI BOSSLE.....</b>	<b>110</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A realidade das mulheres na academia é um fenômeno relativamente recente quando se comparado à história da educação humana. Em meados da década de 1970, houve primórdios de inclusão da mulher nas mais diferentes áreas, incluindo a educação e o mercado de trabalho, por meio de lutas feministas visando direitos, respeito e reconhecimento (BARRETO, 2014).

A participação feminina no Ensino Superior aumentou significativamente, nos últimos anos, em razão de uma extensa atuação e iniciativas políticas pela equidade (SIDELIL; SPARK; CUTHBERT, 2023). As mulheres já estão em um maior número na faculdade do que os homens, apesar dos altos níveis de participação e frequência universitária, elas ainda não buscam, na mesma proporção, por diplomas acadêmicos que historicamente eram designados e dominados pelos homens (EDDY; WARD, 2017).

No contexto brasileiro, há uma realidade histórica de distinção e estratificação entre a atividade realizada pelas mulheres e a ocupação dos homens no mercado de trabalho. As mulheres apresentam menor ocupação na série histórica, mesmo com maior nível de escolaridade em relação aos homens. Quando ocupadas, muitas vezes, estão em atividades domésticas. A desigualdade também é retratada quando se observa a situação de mães com filhos de até três anos de idade, as quais são as que possuem menor nível de ocupação, chegando em torno de 54% (CABRAL, 2021).

A exclusão está acompanhada de uma sobrecarga de tarefas pertencentes à rotina de muitas mulheres. A busca por equilíbrio ao sair do lar para o mercado de trabalho e a procura por educação superior, sem diminuir a carga de responsabilidades previamente impostas ao sexo feminino pela sociedade, é um desafio. Sem mencionar a dificuldade com relação a decisões sobre o cuidado infantil, quando são mães que trabalham e estudam (CRUZ *et al.*, 2023) e, no caso das mulheres estudantes de pós-graduação, o comunicar a gravidez aos orientadores (ZHANG, 2021).

Neste sentido, alerta-se para a realidade de mães que são estudantes e estão em ambientes universitários exercendo múltiplos papéis, entre a vida familiar e estudantil. Argumenta-se que as estruturas institucionais, práticas, processos e culturas de universidades sustentam e perpetuam desigualdades na academia. Por

isso, é preciso reconhecer estes impedimentos organizacionais, para então tomar decisões de enfrentamento à discrepância sistematizada pela sociedade (SIDELIL; SPARK; CUTHBERT, 2023). Então, quando se trata de estudantes e mulheres acadêmicas, são múltiplas as barreiras, seja por atribuições ou por responsabilidades da maternidade, como as experiências de alunas que são mães vivenciando estes desafios de combinar papéis duplos (ASHIPALA; NATANAEL, 2022).

À mãe cabe a tentativa de conciliação entre maternidade e carreira acadêmica. A luta por igualdade, a promoção de ambientes acadêmicos inclusivos, a partir do reconhecimento dos desafios enfrentados por essas mulheres, e a criação de políticas e práticas que apoiem efetivamente as mães em sua jornada profissional e parental e atendam, de fato, suas necessidades. Esse assunto impacta mães e suas famílias, desde alunas de graduação, mestrado, doutorado, como professoras e pesquisadoras em ambas as esferas de suas vidas, e a sociedade como um todo, pelo fato de “as mulheres estarem em maior número nos diversos níveis educacionais” (BARRETO, 2014, p.12).

A desigualdade no ambiente universitário pode parecer intransponível, levando o leitor a pensar: como as mães conciliam a maternidade e a vida acadêmica? Este foi um questionamento constante desde o momento em que descobri minha gravidez e, portanto, será a questão de pesquisa deste trabalho de conclusão. Para tanto, o objetivo geral deste trabalho é investigar a conciliação da maternidade e vida acadêmica dentro da universidade delimitada neste estudo.

Em 2021, eu descobri que estava grávida e, desde então, minha trajetória acadêmica teve diversas mudanças e questionamentos envolvidos. Então, por uma escolha metodológica não positivista e por ter tido um bebê durante a graduação, a minha história de vida será detalhada a fim de contribuir com uma nova perspectiva sobre a pauta, por isso adota-se o relato autobiográfico (GROSFOGUEL, 2016; FERRAROTTI, 2007). Um método tão rico, como o de história de vida, permite este diálogo com o leitor sobre a realidade vivida, pelo registro de memórias deste grande caminho percorrido (TEIXEIRA *et al.*, 2021) que, no meu caso, é maternar na academia, enquanto aluna de graduação.

O método na pesquisa em Administração não é novo, foi também aplicado no trabalho de conclusão da Thais Ferreira, premiado pela Capes como melhor TCC, e orientado pela professora Doutora Fernanda Tarabal Lopes, referência sobre o

método aqui no Rio Grande do Sul. A aluna expôs sua história de vida para trazer para debate experiências vividas na própria pele, juntamente com entrevistas de peso que deram suporte e complementam seu relato e sua pesquisa. Por essa razão, me farei presente no texto, em alguns momentos.

Assim, esta é uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, para detalhar os desafios enfrentados e estratégias de conciliação da vida materna com a profissional. Para além do relato autobiográfico sobre a experiência de maternidade na academia, foram realizadas coletas de dados secundários. As entrevistas realizadas no primeiro episódio do PodSer - Extensão Universitária sobre Mães na Ciência, disponibilizado no Spotify, trouxeram ótimas contribuições para esta pesquisa.

Portanto, o problema de pesquisa trata da conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica. Nos próximos capítulos do trabalho você encontrará a definição dos objetivos, a revisão da literatura, o método de pesquisa utilizado, seguido dos resultados e conclusões. Adianto que na revisão da literatura será realizada uma contextualização dos desafios da mulher, nas diversas esferas, ao longo das últimas décadas, em seguida, são exploradas as várias facetas da mulher, incluindo seu papel como mãe, profissional, esposa e dona de casa. São analisados os desafios enfrentados por mulheres que desejam equilibrar esses papéis simultaneamente, ressaltando a pressão social e as expectativas associadas a cada um deles, principalmente na academia. Além disso, uma breve revisão da literatura sobre a experiência de maternidade e vida acadêmica em período de pandemia, que trouxe desafios adicionais às mães.

## 1.1 OBJETIVOS

Visando responder ao problema de pesquisa foi estabelecido o objetivo geral e os seguintes objetivos específicos:

### 1.1.1 Objetivo Geral

Investigar a conciliação da maternidade e vida acadêmica.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- (a) Descrever os principais aspectos da vivência da maternidade durante a vida acadêmica;
- (b) Detalhar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas na conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica;
- (c) Relatar o impacto da maternidade na trajetória acadêmica das mães universitárias.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender como se formou o cenário atual da maternidade dentro da academia e embasar o meu relato autobiográfico, é preciso começar contextualizando a história da mulher e sua educação, os desafios enfrentados nesse meio, para então entender um pouco mais sobre a conciliação da vida de mãe com a sua formação acadêmica, as redes de apoio e o quadro da pandemia, que atribuiu ainda mais cargas para mães há muito já sobrecarregadas. Para tanto, o presente capítulo será dividido em subitens para melhor entendimento e organização das informações.

### 2.1 A MULHER E SUA FORMAÇÃO EDUCACIONAL

A participação das mulheres na educação tem uma história marcada por desafios e avanços significativos. Por muito tempo, a mulher esteve restrita ao papel de esposa e mãe, com acesso limitado à educação formal. No entanto, ao longo dos séculos, as mulheres começaram a buscar conhecimento e profissionalização, rompendo as barreiras impostas pela sociedade e conquistando um espaço cada vez maior no campo educacional. O número de mulheres ingressando no Ensino Superior no Brasil vem crescendo nos últimos anos, chegando a mais de 830 mil entrando na faculdade e mais de 510 mil se formando, em 2020, de acordo com dados do INEP (2020).

Pensando na estruturação de suas vidas, as mulheres se deparam com novos cenários, no que diz respeito ao planejamento de suas trajetórias, confrontando-se com opções como dedicar-se integralmente à maternidade, optando por suspender a carreira, mesmo que temporariamente; tentar conciliar os papéis de mãe e profissional; ou até mesmo não assumir a maternidade e focar predominantemente a esfera profissional, de acordo com autores como Simões e Hashimoto (2012).

Além disso, a decisão de ser mãe ou não, bem como de ter ou não uma ocupação fora do ambiente doméstico não depende apenas do querer, mas também do cenário social em que a família está situada, uma vez que as estratégias empregadas por cada mulher para lidar com tais conflitos variam consideravelmente com base em sua situação financeira, educação e até residência, o que influencia

muito a questão da rede de apoio (FABBRO; HELOANI, 2010; SANTORO, 2019). As mulheres que têm baixa renda dependem de vizinhos para cumprir suas obrigações profissionais, não tendo como colocar os filhos em uma creche, por exemplo, por mais de uma razão (SANTORO, 2019). Além disso, há a questão do adiamento da maternidade, que frequentemente está associado ao desejo de estabelecer uma carreira competitiva, especialmente entre mulheres com maior grau de escolaridade.

## 2.2 CONCILIANDO MATERNIDADE E ACADEMIA

Nos últimos anos, tem havido um aumento significativo na pesquisa e na produção de artigos acadêmicos sobre a experiência de ser mãe na academia no Brasil. Esse tópico ganhou relevância à medida que mais mulheres buscam carreiras acadêmicas e enfrentam desafios ao conciliar suas responsabilidades como mães com as demandas da vida acadêmica. Muitos desses artigos exploram questões como os desafios específicos enfrentados por mulheres que são mães na academia, a falta de políticas institucionais de apoio à maternidade, como Navarro-Cruz *et al.* (2023), as estratégias de conciliação entre carreira acadêmica e maternidade, como Sidelil, Spark e Cuthbert (2023), as barreiras enfrentadas pelas mães para avançar em suas carreiras, como Pajalic *et al.* (2023), Ashipala e Natanael (2022) e Thomas, Talbot e Briggs (2021), entre outros temas. Essas pesquisas também têm como objetivo identificar formas de melhorar o ambiente acadêmico para mulheres que são mães, promovendo políticas que apoiem a maternidade e equidade de gênero.

Por conta da extrema relevância do assunto, o tema tem uma grande base de referências em artigos atuais, tanto no Brasil quanto no mundo. Um dos maiores obstáculos encontrados é a dificuldade de equilibrar a vida materna com a acadêmica, pois sempre algum dos “trabalhos” vai ser deixado de lado. Essa constatação converge com as pesquisas conduzidas por Pajalic *et al.* (2023), Sidelil, Spark e Cuthbert (2023), bem como Ashipala e Natanael (2022), todos os quais chegaram à mesma conclusão.

Em razão disto, especialistas em diversidade que trabalham pela inclusão das mulheres indicam que a invisibilidade dos medos, além da falta de entendimento sobre os desafios que as mães encaram, bem como a ausência de atuação sobre estas problemáticas vinculadas à vivência das mães culminam em maiores questionamentos sobre a possibilidade conciliação profissional e a maternidade. Ou

seja, é necessário discutir estas problemáticas para que se possa estabelecer políticas e práticas que facilitem a conciliação e a condução de jornadas duplas de trabalho destas mulheres. Pois não somente trabalham em organizações e/ou estudam; existe um trabalho invisibilizado de cuidado. Na ausência de maiores atenções sobre estas pautas, intensifica-se a carga desta mulher e, dependendo, inviabiliza a conciliação (SILVA M., 2022).

Em termos de desafios, a exaustão da sobrecarga materna dificulta a produção das mães acadêmicas, que acabam tendo que trabalhar depois de colocar os filhos para dormir, por falta de tempo. Mas mesmo assim, se veem com dificuldade de concentração, tanto pelo cansaço quanto pelas constantes interrupções de pensamento, seja por atender às demandas das crianças, quanto para tarefas domésticas, como detalhado por Thomas, Talbot e Briggs (2021).

A licença maternidade, que é direito fundamental, é sugerida na expectativa de suprir estes desafios, como uma medida importante para suporte às mães. No entanto, seria ingênuo acreditar que não há desafios durante este período e no retorno da licença maternidade. Na interseção entre maternidade e carreira, a licença-maternidade, em si, emerge como um elemento de conflito, segundo o que foi identificado por Krause (2017). Após o término dessa licença, as exigências frequentemente se intensificam, sejam pelo novo “cargo” que a mulher assume como mãe ou pela demanda derivada da sua carreira, comprometendo então a conciliação entre responsabilidades familiares e profissionais e tornando o retorno ao trabalho um período mais difícil, o que pode deixar a mulher em uma posição vulnerável, como veremos também nos relatos das entrevistadas e na minha própria experiência (KRAUSE, 2017).

Quando a mulher regressa para suas atividades habituais (de trabalho ou estudo) sem flexibilidade, encontra uma série de readaptações. E, em alguns casos, quando sua atividade é um trabalho com carga horária integral, as mulheres passam por processos de discriminação, sendo inclusive forçadas a solicitar demissão para áreas suportes (BAKER; FRENCH, 2017). Por isso, o entendimento das barreiras às mães são tão fundamentais, para que se possa remodelar as iniciativas como, por exemplo, disponibilizar espaços, ter flexibilidade quanto aos horários de trabalho e períodos para amamentação, reduzir carga horária, rotinas de trabalho e apresentar pacotes de remuneração atrativos, que estimulem a permanência e conciliação da vida destas mães (POCOCK *et al.*, 2013).

Krause (2017) também observa que existe uma redefinição de identidade da mãe, não apenas como mãe, mas como uma nova mulher em diversas formas, que decorre de um processo psicológico, ao mesmo tempo que ela ainda passa por uma sobrecarga em casa e no trabalho, o que também é corroborado nas entrevistas feitas por Sidelil, Spark e Cuthbert (2023), onde uma das entrevistadas relata que sente que o homem pode ir trabalhar e depois volta para casa para relaxar, enquanto a mulher vai do trabalho para o trabalho [em casa]. Para completar, Silva A. (2020) decorre sobre as consequências dessa sobrecarga:

Esse período pode gerar cansaço, estresse, insegurança, culpa e ansiedade. As mulheres, dependendo do ambiente organizacional em que estão inseridas, podem encontrar dificuldades em relação ao trabalho e à própria saúde. Em alguns casos elas se sentem desmotivadas, arrependidas por ter retornado ao trabalho, ou até julgadas e excluídas por colegas ou superiores. (SILVA A., 2020, p.27)

Além disso, ainda há, hoje em dia, preconceito em relação ao maternar no âmbito acadêmico, mesmo que já tenha melhorado essa visão no que diz respeito às mães docentes (ARMENTI, 2004). Porém, para as mães estudantes, principalmente as doutorandas, a percepção é que “são menos comprometidas com seu trabalho, progridem mais lentamente, têm taxas maiores de abandono do curso e têm um desempenho pior do que pais acadêmicos e mulheres sem filhos” (BRUS, 2006; KMEC, 2013; MASON; GOULDEN, 2004; MASON; WOLFINGER; GOULDEN, 2013; TREPAL; STINCHFIELD; HAIYASOS, 2014 apud SILVA, 2020, p.27).

A pressão para que as mulheres continuem publicando em suas áreas de pesquisa, mesmo durante a sua licença maternidade, é grande e só aumenta quando equiparado à produção de seus pares, como será visto ao longo deste trabalho. Em pesquisa sobre a conciliação da maternidade com a academia, Loch, Torres e Costa (2021, p.8) mostraram que a maioria das mães entrevistadas relataram “queda de produção para que conseguissem conciliar sua carreira com a maternidade” e a única que manteve o nível de publicações disse “fazer um esforço sobre-humano para conseguir se dividir entre todas as tarefas”. Não apenas isso, o homem vem de séculos tendo como razão de ser “abandonar” a família para que possa prover para a mesma, enquanto a mulher precisa lidar com a culpa materna imposta, não somente pela sociedade, mas por ela própria (LOCH; TORRES; COSTA, 2021).

A relevância das redes de apoio também é de extrema importância no contexto da maternidade, tanto quando vem de família e amigos, como dos colegas e professores. O mais comum é que as mães necessitem explorar alternativas de assistência quando os filhos ainda são pequenos. Segundo Rapport e Piccinini (2004), as principais alternativas incluem creches e o auxílio de babás, assim, as redes de apoio surgem como uma das estratégias viáveis para a harmonização entre as responsabilidades familiares e profissionais.

Em relação à academia especificamente, Pajalic *et al.* (2023) traz pontos importantes que surgiram em suas entrevistas com mães docentes, cuja principal forma de desenvolvimento de carreira é prioritariamente pesquisa, justamente pela dificuldade que essas mulheres têm na concentração para o preparo mental que seus trabalhos acadêmicos exigem. É extremamente difícil tirar tempo para começar esse processo, visto que o bebê - ou filhos em geral - demandam muito tempo e espaço na cabeça da mãe ou de fato precisam de atenção. Nesse ponto, é essencial suporte dos colegas, tanto quanto da família e amigos, como boa rede de apoio para continuar na academia (PAJALIC *et al.*, 2023).

### 2.2.1 O Aumento de Carga Materna: Pandemia

A pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, trouxe consigo desafios sem precedentes para a comunidade acadêmica, amplificando as pressões enfrentadas pelas mulheres acadêmicas que são mães. Boncori (2020) discute de forma aprofundada como as mulheres acadêmicas enfrentaram uma sobrecarga adicional de responsabilidades durante a pandemia. Os desafios associados a equilibrar o trabalho remoto com o cuidado dos filhos, a supervisão das atividades escolares em casa e outras responsabilidades domésticas tornaram-se ainda mais complexos durante esse período excepcional.

Conforme observado por Boncori (2020), a sobrecarga materna aumentou significativamente durante a pandemia. A imposição do ensino a distância para as crianças, juntamente com o fechamento de creches e escolas, resultou em uma pressão adicional para as mães que precisaram equilibrar suas próprias demandas acadêmicas com a supervisão integral das atividades dos filhos. Essa situação se desdobrou em um "turno interminável", onde as mulheres acadêmicas se viram

trabalhando durante o dia e assumindo papéis de cuidadoras durante a noite. A ausência de limites claros entre trabalho e vida pessoal agravou a exaustão e o esgotamento, tendo um impacto potencialmente duradouro na saúde física e mental dessas mulheres.

A experiência delineada por Boncori (2020) reflete uma realidade mais ampla, corroborada por estudos empíricos. Durante o período de quarentena, houve um aumento desproporcional das responsabilidades domésticas sobre as mulheres nos lares onde havia crianças, conforme apontado também por Yildirim e Eslen-Ziya (2021). Essa desigualdade se estendeu ao ambiente acadêmico, exacerbando ainda mais a já existente disparidade de gênero em termos de equilíbrio entre trabalho e vida familiar:

[...] a divisão sexual do trabalho é um elemento que aprofunda as assimetrias entre os gêneros, inclusive no ambiente acadêmico, conforme demonstrou a pesquisa do Parents in Science: a maior parte dos docentes e discentes que tiveram seus estudos afetados pela pandemia pela COVID-19, por exemplo, são mulheres e, mais profundamente, mulheres negras; (MONTEIRO, MAIA, 2021, p.6)

Além disso, conforme estudo de Cataldo *et al.* (2023), o estresse tecnológico dos alunos durante as aulas online está interligado com o conflito entre estudos e vida familiar, a satisfação com a vida universitária e o desempenho acadêmico, sugerindo que isso afeta negativamente o desempenho acadêmico. Soma-se isso à sobrecarga materna e torna-se mais compreensível como a vida das mães acadêmicas piorou nesses últimos três anos.

O Quadro 1 a seguir sintetiza os assuntos abordados no referencial teórico para facilitar a visualização de autores consultados para esse trabalho de conclusão.

Categoria de Análise	Referencial Teórico
<b>A vivência materna</b>	Ashipala e Natanael (2022); Baker e French (2017); Carpes et al. (2022); Costa (2021); Marandet e Wainwright (2009); Navarro-Cruz et al. (2023); Pajalic et al. (2023); Pocock et. al. (2013); Silva, Vautero e Ussene (2021); Thomas, Talbot e Briggs (2021); Zhang (2021).
<b>Experiência e desafios da maternidade</b>	Ashipala e Natanael (2022); Guyotte et al. (2023); Sidelil, Spark e Cuthbert (2023); Stanisçuaski et al. (2021); Thomas, Talbot e Briggs (2021).
<b>A conciliação da maternidade com a vida acadêmica</b>	Ashipala e Natanael (2022); Baker e French (2017); Barros, Saboia e Viana (2023); Mamabolo et al. (2009); Miguel (2022); Mishra (2020); Navarro-Cruz et al. (2023); Noll et al. (2017); Pajalic et al. (2023); Sidelil, Spark e Cuthbert (2023); Taukeni (2014); Thomas, Talbot e Briggs (2021); Zhang (2021).

Fonte: elaborado pela autora (2023)

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo deu-se a partir de uma construção metodológica que envolve uma pesquisa autobiográfica qualitativa de natureza exploratória e descritiva, análise das entrevistas realizadas para o primeiro episódio do PodSer - Extensão Universitária sobre Mães na Ciência, como dados secundários, e estudos apontados na revisão da literatura. O relato (auto)biográfico foi adotado como estratégia principal para descrever a experiência da maternidade na vida acadêmica, durante a minha gestação em meio a graduação em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cada qual será tratada nos subitens a seguir.

#### 3.1 PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA

O relato autobiográfico é proposto como estratégia de pesquisa no sentido de descrever os principais aspectos de vivência como gestante, considerando as motivações, os sentimentos, as expectativas e as reações sociais enfrentadas durante a vida universitária. A história compõe a narrativa principal e, ao mesmo tempo que justifica a existência deste estudo, integra o objeto de análise da pesquisa. Quando se adota o método autobiográfico, de história de vida, existem diferentes caminhos a serem percorridos e distintos os recursos dos quais se utiliza para a narração da história (TEIXEIRA *et al.*, 2021). Neste estudo, foram utilizadas fotografias de acervo pessoal e uma linha do tempo como recursos visuais para melhor entendimento da trajetória. Além disso, será possível detalhar os desafios enfrentados (horários, demandas de estudo, participação em atividades extracurriculares e relações com colegas e professores) e as estratégias adotadas na conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica.

Para tanto, destaca-se o embasamento de títulos importantes para elaboração desse método, como a visão de universidades ocidentalizadas, de Grosfoguel (2016, p.22), que “têm operado a partir de um uni-versalismo no qual ‘um (homem ocidental de cinco países) define pelos outros’ o que é conhecimento válido e verdadeiro”, para que a exposição de outras verdades, por meio do método de história de vida, por exemplo, sejam colocadas na academia, rompendo a visão unilateral patriarcal do conhecimento e o que é visto por “correto” nos dias atuais.

Ao mesmo tempo que o método em questão é de extrema importância, há diversos desafios a serem enfrentados, como trazidos pelo renomado autor do método de História de Vida, Franco Ferraroti, em entrevista traduzida no artigo de Iniesta e Feixa (2006). No relato autobiográfico, existe uma relação intrínseca, entre pesquisador e pesquisado, uma vez que a própria pesquisadora conta sua história. A história narrada, mesmo que única sob o aspecto da experiência vivida, apresenta uma relação heurística com a história social. Ainda, a visão de Ferraroti quanto à metodologia aplicada é considerada na estruturação e realização do presente trabalho, visto ele defender que a história de vida traz o lado humano e real dos números, das técnicas quantitativas que são limitadas ao ponto de vista da interpretação de cada pesquisador. Desta forma, entende que o método estimula uma visão humana da ciência, onde, muitas vezes, esses dados acabam não fazendo sentido sem conhecer a história de cada pessoa que responde o questionário (INIESTA; FEIXA, 2006).

Ainda nesse campo, uma frase que me impactou e traz sentido à minha pesquisa é “el investigador no sólo estudia al otro, sino que se estudia también a sí mismo” (INIESTA; FEIXA, 2006, p. 7). Ou seja, no português, isto significa dizer que o investigador não estuda somente o outro, mas também a si mesmo. Por este motivo, farei presente não apenas como personagem do relato mas no texto, com escrita em primeira pessoa. Durante a estruturação do trabalho a partir da minha história de vida, pude analisar meu eu como, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de estudo e relacionar minha experiência de maternar na academia com diversas outras mães, tanto nas entrevistas quanto nos estudos lidos. Dessa forma, aprendendo um pouco mais sobre outras vivências, podemos descrever os principais aspectos da vivência de gestante durante a vida universitária, detalhar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas na conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica e identificar o impacto da maternidade na trajetória acadêmica das estudantes universitárias.

Para finalizar a composição do principal método utilizado no presente trabalho, podemos dizer que, de acordo com Ferraroti (2007, p.1, tradução da autora), “a relação entre texto e contexto é criada pelo indivíduo como parte de seu processo de experiência, na medida em que é um agente histórico”. Os “objetos de estudo” fazem parte do enredo estudado e, sem a história do mesmo, não haveria a pesquisa ou a história em si.

### 3.2 ENTREVISTA COM OUTRAS MÃES

Uma coleta de dados secundários foi realizada de forma complementar a fim de corroborar com o segundo e o terceiro objetivo específico atribuído a este estudo. Assim, utilizou-se de entrevistas realizadas no primeiro episódio do PodSer - Extensão Universitária sobre Mães na Ciência, disponibilizado no Spotify. As entrevistas possibilitaram o conhecimento de outras histórias para se somar a que será contada por mim. Além disso, sou integrante e produtora deste Projeto de Extensão, então, reconhecendo a relevância do conteúdo dos materiais para a pauta, e em razão de conveniência e acessibilidade, foram adotadas de maneira conjunta ao estudo.

O episódio foi composto de três entrevistas que investigavam aspectos como a vivência acadêmica, experiências de conciliação da vida materna e acadêmica, perspectivas de carreira e desenvolvimento pessoal/profissional. As entrevistadas eram estudantes, pesquisadoras e professoras. Para a análise dos dados, primeiro foram escutados os áudios na íntegra e transcritos, após isso, foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 2009) destas três entrevistas. No Quadro 2, abaixo, pode-se ver o perfil das três entrevistadas em comparação.

Quadro 2 - Perfil das entrevistadas

	<b>Formação</b>	<b>Profissão</b>	<b>Filhos</b>	<b>Idade dos Filhos</b>	<b>Tempo de Entrevista</b>
<b>Fernanda Ramos</b>	graduação e mestrado em administração com ênfase em marketing	Doutoranda UFRGS	1	1 ano	24min12s
<b>Fernanda Reichert</b>	graduação, mestrado e doutorado em administração	Professora na EA/UFRGS, Coordenadora dos projetos de pesquisa e extensão "Mulheres e Inovação" e Integrante do núcleo central do Parent in Science	1	7 anos	43min29s
<b>Marília Bossle</b>	graduação, mestrado e doutorado em administração	Professora do IFRS, Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa Pós-Graduação e Inovação e Embaixadora do Parent in Science	3	7 anos, 3 anos e RN	40min19s

Fonte: elaborado pela autora (2023)

### 3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Na fase de pré-análise do material, as entrevistas, após transcritas, foram lidas na íntegra, buscando-se conhecer o conteúdo. Em seguida, passou-se à exploração mais detalhada do material, codificando-o conforme as três categorias estabelecidas *a priori* a partir da literatura e da questão de pesquisa: a) A vivência materna na academia; b) Experiência e Reconhecimento de Desafios; c) A conciliação da maternidade com a vida acadêmica. Os dados foram organizados em planilhas de excel. No Quadro 3 é apresentado o protocolo de pesquisa, incluindo a estratégia de pesquisa para cada objetivo específico.

Quadro 3 - Protocolo de Pesquisa

<b>Categoria de Análise</b>	<b>Protocolo de pesquisa</b>	<b>Objetivo Específico</b>	<b>Método</b>	<b>Análise de dados</b>	<b>Fonte de evidência</b>
<b>A vivência materna</b>	Motivações; Sentimentos; Expectativas; Percepção social; Rotinas (horários, demandas de estudo, participação em atividades extracurriculares e relações com colegas e professores);	a) Descrever os principais aspectos da vivência de gestante e mãe durante a vida acadêmica;	(Auto)relato biográfico - História de Vida	Narração de História de Vida	Fotografias e linha do tempo
	Como foi tua experiência de maternar? Alguma coisa que aconteceu só com você?	b) Detalhar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas na conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica;			
<b>Experiência e desafios da maternidade</b>	Quais as dificuldades encontradas, apoios recebidos? Quais as flexibilizações que lhe foram concedidas neste período?		Entrevistas PodSer Extensão Universitária - Coleta de dados secundários	Análise de conteúdo	Áudios disponibilizados com a entrevista na íntegra no Spotify do PodSer Extensão Universitária
<b>A conciliação da maternidade com a vida acadêmica</b>	Quais são as vivências mais gratificantes? O que você já alcançou desde que teve bebê e o que ficou para trás? Você trabalhou durante a licença? Como foram os primeiros meses de retorno? Você teria alguma outra questão que seria pertinente compartilhar com outras mães acadêmicas?	c) Identificar o impacto da maternidade na trajetória acadêmica das estudantes universitárias.			

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Apenas para título de conhecimento dos leitores, as perguntas abertas do roteiro de entrevista que o PodCast utilizou para coletar os dados junto às mães e gestantes do episódio foram identificadas no quadro. Este detalhamento auxilia ainda na compreensão de como a pesquisa procura atender ao objetivo central do

trabalho e quais as categorias são assumidas para a análise de dados a partir da literatura, bem como a contribuição dos diferentes dados ao trabalho.

Quanto ao método do relato autobiográfico especificamente, faz-se um adendo:

É ponto fundamental a compreensão de que ao se pesquisar a partir de histórias de vidas, não há um *modus operandi* pré-concebido, nem uma prescrição de como recolher e/ou analisar histórias. Afinal, o que se busca, a partir desse caminho de pesquisa não é a formulação de leis, mas a compreensão de determinadas situações e fenômenos inseridos no movimento das relações sociais. Assim, é na especificidade de cada história que se encontra o caminho do recolher e da reflexão possível (TEIXEIRA et al., 2021, p. 110)

Portanto, cabe descrever neste trabalho de conclusão como se deu a construção do meu relato autobiográfico que parte de uma lembrança da minha história vivida como mãe acadêmica. Para isto, inicio a partir de um rascunho de uma linha do tempo, na tentativa de recordar os momentos, tanto da minha história quanto da história da universidade e o que acontecia no mundo. A linha do tempo será apresentada na seção do relato. A cada escrita, um novo recontar e sentir, como se fosse reescrever/reviver uma parte da minha história. Pude visitar os momentos de minha trajetória, experienciar uma nova ótica da história vivida, ouvir outras versões da minha própria história, conhecer detalhes que minha mente apagou pela sobrecarga de emoções vividas, principalmente do dia do nascimento do meu filho. O meu relato se une ao das meninas para explorar a realidade da mãe acadêmica e trazer uma visão ainda mais humanizada de um contexto que é incrivelmente difícil de por em palavras, quando discuto os resultados desta pesquisa, considerando as categorias definidas na literatura.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 RELATO AUTOBIOGRÁFICO - *Minha vivência materna na academia*

Eu sou uma pessoa que tem bastante enjoo. Entro no carro, fico enjoada, fico um tempo sem comer, fico enjoada, como demais, fico enjoada. Mas fazia algumas semanas que meu enjoo estava fora do comum, a ponto de eu ter que parar tudo que eu estava fazendo para deitar no chão e ficar olhando para o teto até passar. Era a única coisa que ajudava. Nem os remédios estavam dando conta. Outra coisa muito forte em mim eram as cólicas menstruais. Eu brincava que, quando eu engravidasse e tivesse contrações, eu não ia nem sentir, pois as cólicas já tinham me preparado para isso.

Então, numa sexta-feira, dia 4 de junho de 2021, eu estava trabalhando pela manhã e me dei conta que a minha menstruação estava atrasada. Não me preocupei de cara pois, desde que eu havia colocado o DIU de cobre, há uns 3 anos, já não tinha mais um ciclo regrado. Esse é outro detalhe: fazia dois meses que eu havia tirado o DIU de cobre e voltado para a pílula anticoncepcional porque os sintomas da menstruação, incluindo o fluxo, tinham aumentado demais com ele e estavam fazendo dos meus ciclos o inferno na terra. Como eu estava tomando a pílula, estava tranquila e imaginei que poderia ser só um atraso normal, mas algo me fez contar os dias de atraso e comecei a me preocupar. Tinha passado um dia desde o atraso mais longo que eu já tinha tido.

Por coincidência, uma amiga tinha descoberto a gravidez dela cinco meses antes e havia ido para minha casa fazer vários testes de farmácia para ter certeza. Ela havia comprado quatro testes, mas no terceiro, finalmente aceitou que não haveria 4 falsos positivos (ela já havia feito um em casa) e disse que deixava o quarto para quando eu engravidasse. Eu ri, mas guardei o teste no armário de remédios. Não ia jogar fora, esses testes de gravidez da *clear blue* não são baratos. Então, eu tinha esse teste em casa. Estava de férias da faculdade, indo para o 6º semestre, que seria o terceiro semestre remoto em função da pandemia, e estava estagiando em *home office* fazia quase dois meses em uma empresa nova.

O trabalho ainda estava tranquilo e eu estava começando a ficar enjoada mais uma vez. Normalmente, meu marido chega em casa para o almoço às onze horas da manhã, mas, nesse dia especificamente, ele tinha ido ao dentista, então já

havia passado das onze e eu estava com fome. Pensei que o enjoo era fome e fui comer. Como não passou logo, decidi, por descargo de consciência, fazer o teste que tinha em casa. Eu não achava que estava grávida mesmo, era só para descartar a opção. Eu nunca teria feito o teste sem o meu marido se eu realmente achasse que ia dar positivo.

Então eu fiz e o positivo apareceu em apenas alguns segundos (figura 1). Eu soube naquele momento que não era um resultado falso porque todas as peças tinham se juntado na minha cabeça. Liguei na hora para o meu marido que não atendeu logo na primeira chamada, pois como mencionei, ele estava no dentista. Mas eu liguei de novo e então atendeu, me lembrando onde ele estava e perguntado se tinha acontecido alguma coisa. E eu mal consegui falar uma palavra e comecei a chorar.

Figura 1 - Primeiro teste positivo



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

Ele, ainda no consultório do dentista, ficou preocupado e pude ouvir o próprio dentista perguntar se estava tudo bem. Eu sonhava em ficar grávida e em como eu contaria para as pessoas e isso não era como eu imaginava. Eu tremia, estava apavorada e um pouco empolgada. Com certeza mais apavorada do que empolgada naquele momento. Passava pela minha cabeça diversos medos sobre ser mãe: a dor de parir, dúvidas se eu seria uma boa mãe, como a gente arranjaría dinheiro, será que eu perderia minha láurea? Teria que desistir da faculdade? Nosso plano era engravidar depois de eu e o Pablo, meu marido, nos formássemos. Eu estava indo para o sexto semestre de Administração na UFRGS e ele cursando o quinto de Gastronomia na UFCSPA e com uma pós em Acupuntura pela medicina. Ele, assim como eu, já tinha uma formação. Estávamos casados há um ano e meio e, sinceramente, não estávamos realmente pensando em ter filhos nos próximos três anos, pelo menos. Então, consegui parar de soluçar para dizer “amor, tô grávida”.

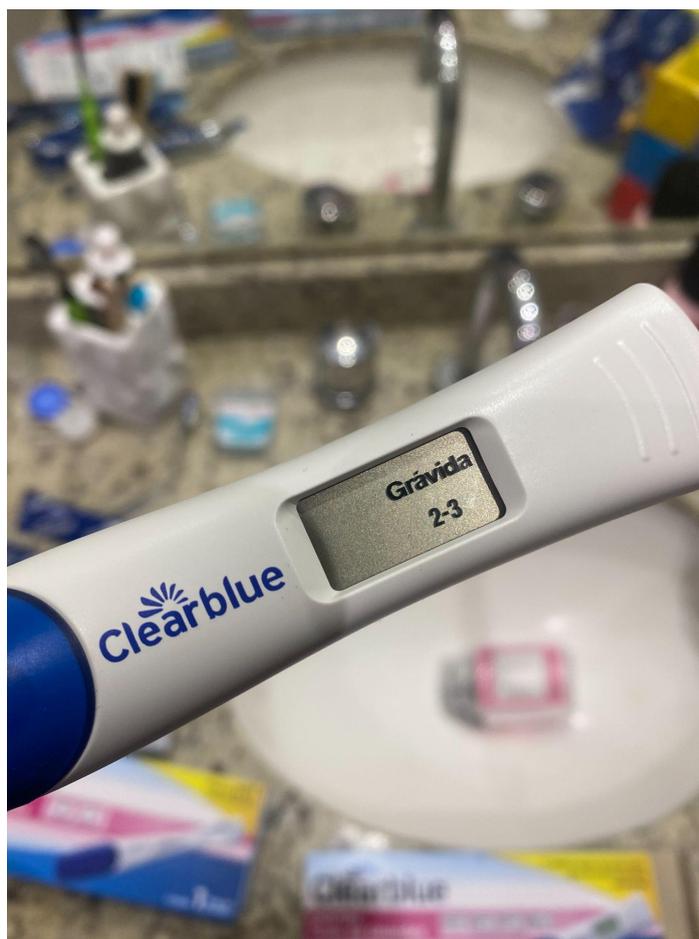
O Pablo é médico, ele responde bem sob pressão. Ele é bem tranquilo e sempre sabe como me acalmar. Ele também sempre tem uma solução, um plano. E

eu sei de tudo isso, mas mesmo assim, eu fiquei chocada com a calma com que ele reagiu à essas palavras. Ele falou na voz mais suave que podia (a voz que ele usa quando eu estou tendo crises de ansiedade): “certo, e porque tu diz isso?”. Eu achei engraçado essa ser a primeira coisa que ele disse. Eu contei que tinha feito o teste que a nossa amiga havia deixado em casa só para descartar a opção e deu positivo.

Continuei chorando, ele pediu para eu ficar calma e disse que ia passar na farmácia e comprar um novo teste para termos certeza. Ele passaria em casa antes de voltar ao trabalho e resolveríamos isso. Demorou mais do que ele esperava e, para minha ansiedade, me ligou dizendo que não conseguiria ir para casa e faríamos o teste de noite. Passei a tarde inteira nervosa, sem conseguir trabalhar, sozinha em casa e sem poder falar com ninguém, porque não tínhamos certeza e não era assim que eu gostaria de falar para minha mãe, que é até hoje minha maior confidente. Fiquei o dia todo pensando em como as nossas vidas seriam dali para frente. Eu nunca pensei em abortar, apesar de ser totalmente a favor, então sabia que muita coisa mudaria. Mesmo assim, ninguém nunca consegue estar de fato preparada pelo que vem pela frente. A gente realmente não sabe nada até de fato viver a maternidade, não importa quanto tu leia, pesquise e converse com outras mães.

Chegou então “a tal das 17 horas” e Pablo entrou no apartamento com o novo teste em mãos. O primeiro havia sido o teste mais simples, só com as tirinhas. Esse segundo era o com indicação de semanas, com visor e tudo (figura 2). Eu ainda estava nervosa e nem li as instruções de uso. Só queria saber o resultado de uma vez. Não sabia se devia fazer xixi no palito ou coletar e colocar o teste dentro. O Pablo até disse que deveria ter comprado mais testes porque esse daria errado. Mas, mais uma vez, mal o xixi encostou no teste (escolhi coletar e colocar o local indicado no líquido) e apontou gravidez de 2 a 3 semanas. Eu, que já tinha certeza, estava ainda mais certa, mas o Pablo disse: agora precisamos fazer um exame de sangue para ter certeza. Nesse momento fiquei brava. Como assim “ter certeza”? Eu já tinha! Esse era o momento em que a gente devia se abraçar e comemorar (ou pelo menos esperar cair a ficha). Falei isso, chorando (hormônios, não é mesmo?) e ele me abraçou.

Figura 2 - Segundo teste positivo



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

A partir dali conversamos muito sobre os próximos passos, mesmo o Pablo estando em aparente negação, ao meu ver. Pra quem contaríamos primeiro, tínhamos que falar com a arquiteta para planejar o quarto do bebê, como eu contaria pra minha chefe que eu mal tinha entrado e já estava grávida, sendo estagiária ainda, sem direito nenhum à licença maternidade, quanto tempo será que a universidade ficaria em ensino remoto emergencial? Na minha cabeça, enquanto as aulas fossem à distância, eu daria conta de tudo. O mesmo com o trabalho. Recapitulamos também as prováveis datas da concepção, só por diversão e chegamos à uma data específica que batia bem com todos os dados: 5 de maio de 2021. Lembramos que, como eu tinha tirado o DIU recentemente e estava voltando à pílula, decidimos tomar, pela primeira vez na minha vida, a pílula do dia seguinte, só para garantir que eu não tivesse uma gravidez não planejada. Para ver que na maternidade nada acontece como esperávamos.

No próximo dia, sábado, dia 05 de junho, fomos fazer o exame de sangue pela manhã, assim que o Laboratório da Unimed na Assis Brasil abria, às 7 horas, para ser mais precisa. Ainda não tínhamos contado para ninguém e decidimos contar só depois da confirmação do Beta HCG. Nesse mesmo dia fomos almoçar com o casal de amigos que estavam grávidos há mais ou menos cinco meses. Eu estava louca para contar, pois havíamos brincado muito de engravidarmos juntas. Mas tanto eu, quanto o Pablo, gostaríamos que as primeiras pessoas que contaríamos fossem nossos pais. Eu passei o dia atualizando o site de resultados e, cada vez que eu abria o PDF vinha algum resultado de exame (fiz todos os exames pendentes juntos), mas nunca era o Beta HCG. Passamos a tarde no shopping para não ficar pensando nisso, passamos no super, e nada do resultado aparecer.

A técnica em enfermagem tinha me dito que, normalmente, o resultado saia até as 18h, se não saísse só nas primeiras horas do dia seguinte. Chegamos em casa lá pelas 16h30, colocamos as compras do mercado no balcão e eu estava exausta e enjoada. Deitamos juntos no chão e eu abri o resultado mais uma vez. E lá, no fim da décima segunda página, estava o resultado. O último que saiu, diga-se de passagem: 61658,00 mUI/mL. Valor de referência para Positivo: Superior ou igual a 25 mUI/mL (tenho o exame salvo no drive). Mais de duas mil vezes o valor mínimo que deveria dar. Eu estava definitivamente SUPER grávida. Perguntei brincando para o meu marido se agora ele acreditava, ao que ele me respondeu: agora precisamos ver na eco. Para o meu alívio era só uma piada. No dia seguinte, domingo, 06 de junho, decidimos contar para os avós.

A primeira consulta na Obstetra foi em 08 de Junho de 2021. Dados da Sala de Situação (IGOR; BALBINO; LACERDA, 2021, p.3) sobre a pandemia, baseados em informações da Organização Mundial da Saúde e atualizados justamente nessa data, diziam que “o número de casos confirmados contabilizou em 173.674.509 pessoas infectadas por COVID-19, com 333.823 casos novos nas últimas 24 horas”. Nessa atualização, o número total de óbitos chegava a 3.744.408 (IGOR; BALBINO; LACERDA, 2021). A Dra. Cristine De Carvalho Leite era minha ginecologista desde sempre e eu sabia que ela era obstetra também, então, na segunda posterior ao fim de semana da descoberta, já liguei para tentar um encaixe. Como na minha primeira consulta com ela, tive que chamar minha mãe para me acompanhar.

Desde antes de engravidar eu sabia que eu não queria marcar minhas consultas e exames, assim como consultas posteriormente de pediatras, durante

meu horário de trabalho ou de aula. A gente cresce ouvindo que mulheres recebem menos ou que não são contratadas porque saem muito depois que engravidam, quando têm filhos, logo, na minha cabeça, precisava contornar isso para não ser um problema.

Assim, marquei essa consulta numa terça-feira após meu horário de trabalho para não precisar faltar. O consultório ficava perto da casa da minha mãe na zona sul de Porto Alegre e eu já havia me mudado para a zona norte havia quatro anos, portanto, usei a casa dela como minha base de trabalho para não perder tempo e trabalhei de lá até a hora da consulta. Durante a consulta, a Dra. comentou que havia se aposentado da obstetrícia e agora era só ginecologista, para o meu desespero. Desse modo, ela pediu para fazer uma ecografia e procurar uma obstetra porque ela só iria me acompanhar durante o meu primeiro trimestre de gravidez.

Esse primeiro período foi mais fácil, porque estava de férias da faculdade, só teria que me matricular no próximo semestre dia 05 de julho, um mês depois que descobrimos a gravidez e as aulas começaram apenas dia 02 de agosto. Então era mais fácil conciliar o estágio com as consultas e as ecografias e ainda com os horários do meu marido. Nesse meio tempo fiz a primeira ecografia (18/06) no nosso horário de almoço, o teste de sexagem (21/06) pós estágio, que é um exame de sangue para descobrir o sexo do bebê a partir de 8 semanas de gestação (normalmente, numa ecografia, aparece por cerca da 15ª semana), a primeira consulta (13/07) na obstetra que encontramos, a Dra. Ana Gutierrez, a primeira dose da vacina contra COVID-19 (15/07) e a segunda ecografia (28/07). Tudo em horários que não atrapalhasse meu estágio.

Quando as aulas do 6º semestre começaram, eu já estava adaptada à ideia de que eu teria um filho, mas isso não significava que eu sabia o que viria pela frente. Eu sempre fui muito organizada, ainda mais quando o assunto era faculdade, porque eu havia cursado uma graduação (sou formada em jornalismo pela PUCRS) e essa era a primeira vez que eu estava na UFRGS e queria fazer valer a pena. Eu me considerava um pouco mais madura, era mais velha e estava cursando Administração para realmente aprender a administrar uma empresa, mesmo não tendo exatamente um plano de onde aplicar naquele ponto. A ideia inicial era ajudar na gestão da empresa do meu pai, mas isso mudou ao longo dos anos. Também estava muito focada nas aulas porque estava em busca da láurea acadêmica por motivos pessoais. Por tanto, meu cronograma de estudos, trabalhos e provas era

bem definido. E eu tinha absoluta certeza de que eu conseguiria manter tudo isso depois que o bebê nascesse, afinal, tinha conseguido me organizar e passar tranquilamente pelo 6º semestre, grávida e estagiando.

Como estávamos em Ensino Remoto Emergencial (ERE) devido à COVID-19, não tive necessidade de me deslocar e assistia às aulas no conforto da minha casa. Também não precisei perder nenhuma aula síncrona, pois organizamos nossas agendas de forma que as consultas e ecografias não caíssem nos mesmos dias, visto que não era todo professor que dava aulas síncronas. Eu estava confiante que o próximo semestre (o sétimo) seria tão fácil quanto.

Eu estudei bastante sobre amamentação e sobre o sono do bebê, li diversos livros sobre recém-nascidos. Eu assisti vídeos de experiências de mães desde o parto até o fim do puerpério que é, em teoria, os 45 dias após o nascimento do bebê onde a mãe sofre alterações físicas e mentais. Digo “em teoria” porque, na minha experiência, a prática foi bem diferente e acredito que o puerpério dure, pelo menos, 3 meses. De qualquer forma, havia estudado e sabia que os recém-nascidos dormiam de 12 a 18 horas por dia, de modo que tinha planejado usar desse tempo para fazer as atividades da faculdade, já que estaria de licença do trabalho e a “única” outra coisa que eu precisaria era cuidar do bebê. Apenas isso.

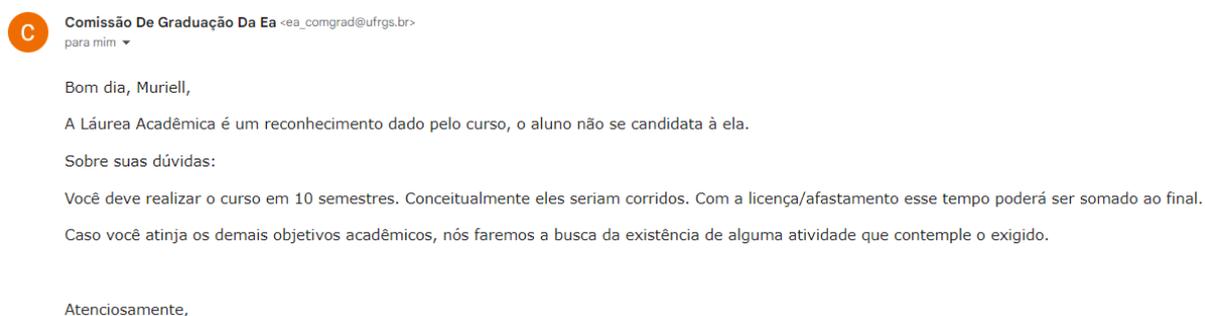
Fazia sentido na minha cabeça que eu não precisasse realmente dessas 15 horas (uma média), logo, estava preparada para, como eu muito li, dormir e descansar no tempo que me sobrasse. Parecia até que seria mais fácil, pois não precisava me preocupar com o estágio e nem com a casa, porque meu marido disse que eu não deveria levantar um dedo pós-parto porque meu foco deveria ser o bebê e, como ele era médico, brincou que essa era uma recomendação médica e não podia ser discutida.

Chegou a hora de me matricular no 7º semestre e, com isso, veio a notícia que esse seria o último semestre ERE, logo, os 3 próximos voltariam a ser presenciais. Eu havia pesquisado sobre a licença maternidade na UFRGS e sabia que eu teria direito a seis meses, mas dois pensamentos me vieram à cabeça. O primeiro foi: se eu sair por um semestre inteiro, vou me desencontrar dos meus amigos e vou perder minha rede de apoio acadêmica para os trabalhos em grupo e estudos para provas. O segundo foi: eu sei de cor todos os requisitos para a láurea acadêmica e sei que um deles é “realização do curso no máximo dentro do tempo

previsto pela seriação aconselhada”, ou seja, me formar nos 10 semestres planejados.

Conversei com os meus amigos e dois deles disseram que haviam diminuído o número de cadeiras para que eu não ficasse sozinha em muitas disciplinas e falei com a COMGRAD para garantir que eu não perderia minha láurea por causa desse afastamento. Mas, naquele momento, a resposta que eu recebi da COMGRAD (figura 3) me fez entender que não existia garantia que, se eu tirasse minha licença, ainda conseguiria a láurea.

Figura 3 - E-mail de retorno sobre as informações da Láurea



Fonte: print do e-mail pessoal da autora (2021)

Hoje, depois de mais de um ano dessa troca de e-mails, penso que posso ter interpretado errado, mas o e-mail estava dúbio e impreciso. De qualquer forma, naquele momento escolhi não arriscar perder a láurea, nem o apoio dos meus colegas, e abri mão da minha licença maternidade na academia.

Eu tinha uma decisão a fazer: me sobrecarregar nos primeiros meses de vida do meu filho, porque ainda seria a distância e deixar o próximo semestre, que seria presencial, mais leve para ele sentir menos minha ausência, ou me poupava nesse início, como eu sabia que o puerpério não seria fácil, mas deixaria o próximo semestre mais pesado e passando mais tempo longe do meu bebê. Eram muitas variáveis e, como essa decisão foi tomada antes dele nascer, minha cabeça ainda era uma. Não me arrependo da decisão que tomei, mas tenho certeza que eu teria tomado outra decisão se fosse feita pós parto.

Escolhi fazer mais cadeiras a distância nos primeiros meses de vida do Bernardo, porque ele seria um recém-nascido, dormiria aquela média de 15 horas por dia, não daria tanto trabalho (na minha cabeça de grávida) e, qualquer coisa, eu

ainda estaria em casa caso ele precisasse de mim, visto que as aulas eram à noite e meu marido estaria em casa para cuidar do nosso filho. Haviam se passado exatos 10 dias desde o início do semestre quando eu entrei em trabalho de parto.

No dia 22 de janeiro de 2022, uma sexta-feira, eu fiquei doente. Pareciam ser sintomas de gripe, mas, para um corpo gerando outra vida, aquilo me derrubou. Os piores dias haviam sido sábado (23) e domingo (24), mas logo eu já estava melhorando. O que me pegava era o peso de estar no final da gestação. Esse combo me atrasou um pouco em relação à faculdade e não consegui acompanhar as aulas na semana seguinte.

Na terça-feira (26), precisei fazer um exame PCR de “rotina” para grávidas, pois eu fecharia 40 semanas na quinta e podia ter o bebê a qualquer momento. Naquele período, o Hospital Moinhos de Vento pedia obrigatoriamente um PCR para saber como conduzir as gestantes. Caso o resultado fosse negativo, a rotina era normal. Caso fosse positivo, muita coisa precisava acontecer, o que eu vou comentar mais para frente. Acontece que meu exame deu positivo e essa gripe que eu tive, na verdade era COVID-19. Minha reação foi bem menor porque já tinha tomado todas as doses disponíveis até aquele dia, mas meu medo que algo acontecesse para o meu bebê era enorme.

Minha obstetra moveu nossa consulta semanal (toda quinta-feira no último mês de gestação) da clínica onde ela atendia, para o hospital, no dia anterior (quarta), para tomar todos os cuidados possíveis, tanto comigo, quanto com as outras pacientes que ela atendia. Como eu estava fechando as 40 semanas, também faríamos uma avaliação mais detalhada para saber se o bebê ainda estava bem e conversar sobre quais seriam os próximos passos caso ele não saísse por vontade própria, ou seja, indução.

Mas o Bernardo quis ser extremamente pontual e às 6h24 da manhã, minha bolsa estourou parcialmente. Avisei meu marido, que já estava no trabalho, e a médica que achava que minha bolsa tinha rompido. Ela pediu para eu ir para o hospital fazer um MAP (exame que monitora os batimentos cardíacos do bebê para saber se está tudo bem) e um teste para ver se realmente havia rompido a bolsa (esse teste é tipo um teste de gravidez, onde se coleta o líquido e coloca num palitinho; se der positivo, a bolsa realmente rompeu).

Eu estava bem tranquila e com contrações muito fracas, e meu marido só poderia sair depois das 8h30. Então fui para o banho, terminei de arrumar todas as

malas (minha, do Pablo e do Be) que já estavam pré-organizadas, tomei café da manhã e fiquei bebendo água enquanto assistia TV sentada em uma bola de ginástica até o Pablo chegar. Às 9h e pouco já estávamos no hospital. Eu, por ter PCR positivo, tive que ficar isolada em um quarto do bloco obstétrico. Realizaram o MAP e o teste e tudo estava ok.

A bolsa realmente tinha rompido. O dia estava nublado e chuvoso, o primeiro de vários dias muito quentes, fui confirmar e encontrei esse trecho de uma notícia do G1:

O Rio Grande do Sul volta a ter temperaturas amenas, nesta quinta-feira (27), após uma onda de calor que durou duas semanas e levou os termômetros a ficarem acima de 40°C no estado. A previsão para Porto Alegre é de mínimas de 21°C e máximas de 26°, conforme a Climatempo. (APÓS..., 2022, s.p.)

Minhas contrações foram gradualmente aumentando, tanto dor e intensidade quanto quantidade, e às 13h30 minha obstetra chegou para me ver. Eu estava com apenas 3 cm de dilatação, e, o que eu achava ser muita dor. Mas a doutora disse que a bolsa não tinha se rompido totalmente, ela terminaria de romper manualmente e que, agora sim, eu iria sentir dor.

E como dói. Não tem como explicar a dor das contrações. Não, não é uma dor de cólica. É algo que vem de dentro pra fora, de frente pra trás, de baixo pra cima. Se sente todos os músculos que estão trabalhando. Muita dor nas costas, muita dor na parte de baixo da barriga. Eu me jogava no chão porque não tinha posição confortável. Tentaram me colocar debaixo do chuveiro, mas a água não era quente o suficiente para diminuir a dor. Lembro de me sentir pior, molhada, com frio. Lembro de pensar que eu não conseguia aguentar mais a dor. Eu queria desistir, mas não existe desistir. Teu corpo continua doendo inteiro, se contraindo, trabalhando, por mais que tu fiques jogada no chão. Nada que eu fizesse diminuía a dor. E pior, as contrações demoravam para passar, mas quando passavam, era questão de segundos até vir outra.

Não tinha tempo para se recuperar, respirar fundo. A exaustão física e mental daquele momento é algo que eu nunca senti na minha vida. Jurava que era o meu limite, que eu não conseguiria passar dali. Durante toda minha gestação eu havia decidido não usar analgesia, mas a dor era tanta que eu precisava de um pouco de

alívio. Pedi, sem força alguma, mal conseguindo falar, para meu marido chamar a doutora e avisar que eu havia mudado de ideia.

Tudo o que havíamos conversado por meses, havia mudado em uma hora de dor intensa. Primeiro, decidimos tentar alguns remédios, para seguir nosso plano de parto. Um dos meus maiores medos era colocar o acesso na mão. Até mais que o parto em si. Era algo que me deixava muito agoniada imaginar uma agulha enfiada na minha mão, sem poder mexer, por medo de rasgar a pele ou algo assim. Além de que parecia pouco provável que eu não precisasse da minha mão para o parto em si, visto a quantidade de vezes que eu me segurava nas coisas ao meu redor.

Depois, eu descobriria que não é a agulha que fica na mão e sim um caninho de borracha e que aquela era a menor das dores que eu precisaria me preocupar. Mais uma vez, tudo que planejamos durante a gestação rapidamente, mas essa estava longe de ser a última mudança nos planos, porque, como eu viria a aprender, **maternidade é constantemente fugir do planejado**. Mais uma hora se passou e eu não aguentei mais. Os remédios não faziam efeito. Minha obstetra voltou, às 16h20, e eu já havia evoluído para 7 cm de dilatação. Era a hora. Ela chamou as enfermeiras para me levarem para a sala de parto, onde o anestesista faria a aplicação do medicamento.

Meu trabalho de parto mudou drasticamente depois da anestesia. Eu tinha medo da aplicação em si, não da dor da agulha, nem nada, mas já tinha ouvido que era muito perigoso, pois era uma agulha colocada na coluna e não poderia se mexer durante a aplicação sob risco de algo mais grave, na minha cabeça era paralisia permanente, mas não sei se é o caso. Acontece que a aplicação tem que ser feita entre uma contração e outra, mas não tem como não se contrair quando vem a dor e aí que mora o perigo.

No segundo que passou a contração, o anestesista aplicou a analgesia e eu tive que me segurar muito para não me mexer quando senti a próxima contração surgir. Mas deu tudo certo e minutos depois eu conseguia ver a sala de parto como se alguém tivesse acendido a luz. Minha obstetra até brincou que sabia que a anestesia estava funcionando porque eu conseguia falar. Meu marido disse que a cor estava voltando pro rosto e que eu parecia melhor. E eu me sentia muito melhor! Inclusive, foi aí que eu senti a coisa mais incrível e louca da minha vida: uma contração sem dor! Senti direitinho todo meu corpo trabalhando para parir meu filho.

Sem fazer nada, senti meu corpo empurrar sozinho e comentei isso com a doutora Ana, que me disse: se ele tá empurrando, escuta ele e empurra junto! E assim, como quem não quer nada, fui procurando posições que me ajudassem a empurrar com mais facilidade e encontrei conforto na banquetta (figura 4), que eu não queria usar, pois sabia que causava mais laceração (o rasgo que acontece quando o bebe passa pela vagina). Mas, como já estava ficando claro pra mim, nada sairia como o planejado.

Figura 4 - Minutos antes do Bê nascer



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

Momentos antes do Bê nascer, a pediatra entrou na sala e me avisou que eu não poderia ter a minha sonhada *golden hour* com o meu filho, porque estava com covid e era perigoso pra ele. *A Golden Hour*:

É a primeira hora da mãe com o seu recém-nascido. Com o intuito de possibilitar o contato da mãe com o bebê imediatamente após o parto, a hora de ouro promove a continuação do vínculo que começou durante a gestação e ajuda o bebê nesta transição do útero para o mundo. (Pinheiro, 2020)

Eu tinha estudado como esse momento era importante para conexão da mãe e do filho, como era super recomendado mundialmente. E eu não teria isso. Mais uma concessão, minutos antes de ele nascer. Ninguém tinha me dito isso antes. Mas, não tinha o que fazer. Em dois empurrões fortes, sentada na banquetta, de máscara, com o meu marido atrás de mim, apoiando minhas costas, segurando meus braços, ao som de “Dia Especial” na versão do Tiago Iorc, o Bernardo nasceu, às 17h27.

Segurei ele por alguns minutos, o Pablo cortou o cordão umbilical dele e levaram meu bebê pro banho. Como eu já tinha combinado com o Pablo, ele tinha que seguir o Bê (por causa de uma novela que apavorou o Brasil, tinha medo que ele fosse trocado ou roubado na maternidade) e filmar cada segundo dele longe de mim. Enquanto isso, eu me levantei sozinha e deitei na maca para doutora suturar minha laceração de segundo grau. Antes que ela pudesse terminar de me costurar, o Bê já tinha voltado e estava no meu colo.

Depois disso, passamos dois dias isolados num quarto do bloco da obstetrícia por causa do Covid. As enfermeiras tinham que trocar de roupa, luvas, toucas, toda vez que saiam do quarto, então ninguém entrava muitas vezes. Inclusive o lixo das nossas refeições se acumulavam no quarto, pois, só de abrir a porta, a enfermeira já precisaria trocar de luvas. Por causa disso, ninguém me ensinou a amamentar meu filho, como normalmente acontece na maternidade. Inclusive, quando fomos pro quarto, ficamos na ala do covid e não da maternidade. O Bê foi levado no que parecia ser uma nave espacial (figura 5) e eu de cadeira de rodas porque essa ala era mais isolada no hospital. Mesmo lá, por ser longe, não recebíamos tanta atenção e as médicas demoravam mais para nos avaliar. Mas deu tudo certo e sábado de manhã tivemos alta e fomos pra casa.

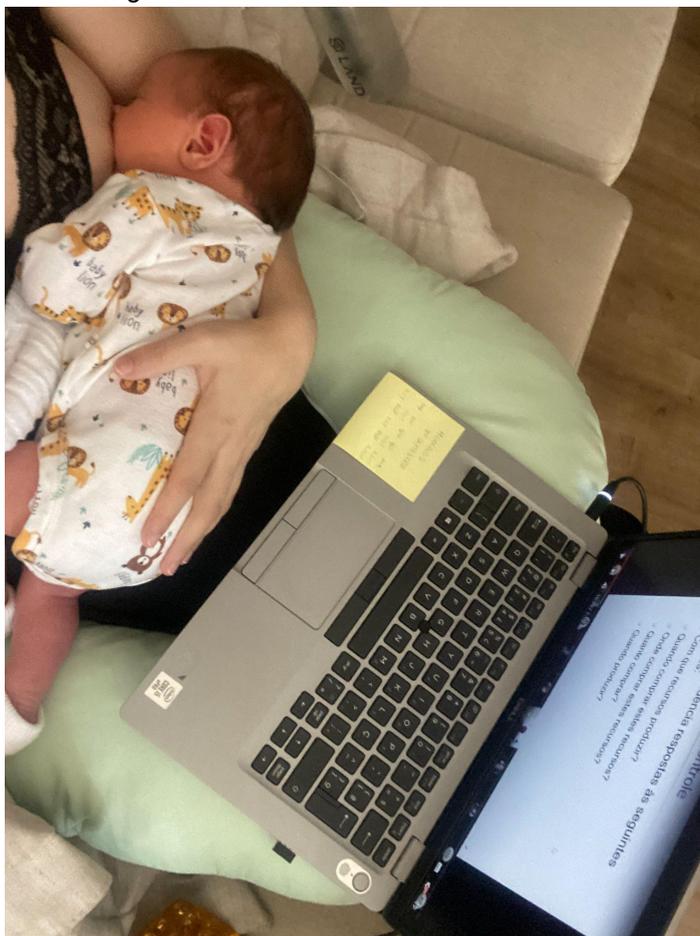
Figura 5 - O astronauta mais jovem do mundo!



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

A realidade começou a bater quando eu recebi uma mensagem de uma amiga, não para me parabenizar, mas para lembrar que tinha um trabalho para entregar até o dia presente. Minha cabeça estava a mil. Eu, obviamente, não havia pensado na faculdade até aquele ponto e não estava pensando direito quando fiquei preocupada sobre perder o prazo. Nem pensei em explicar para o professor o que havia ocorrido (um parto, no caso) e, enquanto o meu filho dormia, mamando (figura 6), no meu colo, fiz um trabalho, de qualquer jeito, e enviei.

Figura 6 - Retrato real de uma mãe acadêmica



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

Sinceramente, depois disso é até um pouco difícil lembrar de tudo que me aconteceu, tanto na vida pessoal, quanto na acadêmica, pois os dias eram iguais para mim. A única distinção entre o dia e a noite era a luz do sol. Afora isso, minha rotina era dar mamá, fazer ele dormir, tentar passar ele para o carrinho (porque ele só dormia no colo. Toda vez que eu tentava passar para a cama, sofá, carrinho, berço, qualquer lugar que não meu colo - inclusive não aceitava muito outros colos - ele acordava) e tentar fazer algo que eu precisasse, normalmente, pegar água, algo para comer ou ir ao banheiro. Perdi a conta de quantas vezes eu tive que ir ao banheiro com ele no colo. Se eu deixava ele sozinho no carrinho, mesmo ele estando do meu lado, ele chorava. O puerpério foi um momento muito difícil mesmo,

adicionando um semestre em andamento, ficou ainda pior. Eu estava exausta, não conseguia dormir, me sentia inútil, burra. Eu servia apenas como fonte de leite para o meu filho.

Nesses primeiros meses, fazia muito calor, mas não queria ligar o ar condicionado e o nosso do quarto estava estragado e só ligava no frio. Como meu marido tinha problemas de sono e acordava às 5h da manhã para trabalhar, ele ligava o ar para dormir o melhor possível o tempo que fosse. Então eu dormia na sala com o Bernardo. No primeiro mês, o pior não era nem a falta de sono, mas a amamentação. Como eu comentei, ficamos na ala do covid e não na maternidade depois que o Bê nasceu, então as enfermeiras, que normalmente passam nos quartos para ajudar a nova mãe, não passavam com tanta frequência e ninguém me ensinou a pega correta. Eu havia feito cursos de amamentação que me ajudaram a identificar alguns pontos, mas na prática é tudo diferente. Passei o primeiro mês amamentando com muita, mas muita dor. Até cheguei a comentar com o Pablo que era pior que as contrações, não pelo nível de dor, mas pelo tempo que eu era exposta a dor. O Bê mamava o tempo todo! O bico do meu peito havia rachado, sangrava e doía muito. Eu chegava a chorar quando o Pablo me entregava o Bê para mamar. Eu comecei a ficar ansiosa logo que ele soltava o peito, já pensando quando seria a próxima mamada, quanto tempo eu teria para me recuperar. E era uma bola de neve, porque eu não tinha tempo suficiente para curar, ele mamava e as feridas ficavam piores.

Consultei com o pediatra e o Bê não estava ganhando peso suficiente. Isso, somado ao fato que ele não dormia bem, o levou a pensar que talvez o bebê tivesse alergia a proteína do leite de vaca (APLV). Então fiquei um mês numa dieta restritiva para descartar essa hipótese. E descartamos. Mas não sabíamos mais o que fazer para ele mamar. O pediatra dizia que as mamadas não estavam sendo suficientes, pois ele mamava muito e não ganhava peso. Daí ele cansava mais, mas sem leite suficiente na barriga, o sono não durava tanto, ele voltava a mamar, fazia muito esforço e o ciclo recomeçava. Tentei tirar leite e dar na mamadeira, mas ele não aceitou. Tentei ir no banco de leite, mas a pessoa que deveria me ajudar, me fez sentir a pior mãe do mundo. O local era frio, com o ar-condicionado ligado nos 18°, ela deixou meu filho chorando, com pouca roupa, num berço do meu lado e não deixava eu pegar ele, falava que tudo que eu fazia era errado e não deixava eu sair

até eu acertar a pega do bebê. Foi horrível, humilhante e, para uma nova mãe, sem reação, aquilo foi traumatizante.

O pediatra havia comentado que se ele não ganhasse peso a gente complementar com fórmula, o que para mim, naquele momento, era um pesadelo. Eu já tinha noção que nada na maternidade saía conforme o planejado, mas isso me doía demais. Essa era nossa maior fonte de conexão agora que ele não estava ligado a mim por um cordão umbilical. A amamentação exclusiva era muito importante para mim. Havia mais uma alternativa que eu não queria tentar por ser financeiramente inviável, mas era nossa última chance de uma boa e, o que viria a se tornar, longa trajetória de amamentação: a consultora. Até hoje, toda vez que alguma gestante me pede dicas, a primeira coisa que eu falo é: “não precisa gastar teu dinheiro com muita coisa, porque tu só sabe como o teu bebê vai ser depois de nascer, mas guarda para se tu precisar de uma consultora de amamentação, ela vai salvar tua maternidade”. A consultora chegou e em 5 minutos, sem brincadeira ou exageros, detectou o que havia de errado com o meu filho e me deu uma solução. Ele tinha língua presa, grau 2 e provavelmente precisaria de cirurgia (o que não aconteceu graças à avaliação rigorosa e assertiva da odontopediatra indicada pela própria consultora), mas a solução era simples, mudar a posição da amamentação, que, na minha limitação, eu já havia tentado. Mas essa posição era diferente: o cavaleiro (foto da posição que ele mamava). Isso, mais o laser que ela aplicou nas minhas feridas, fizeram as nossas vidas mudarem para muito melhor. O Bê começou a mamar bem, ganhou peso, o movimento correto da mamada fez a mandíbula e a língua trabalharem, o que soltou a trava da língua naturalmente e não precisamos complementar com fórmula.

Além disso, como eu comentei anteriormente, pouco lembro da minha situação acadêmica durante o puerpério. Lembro de momentos isolados, principalmente provas que fiz durante esse período. Uma das provas de Estatística II fiz durante o dia com a minha mãe embalando o carrinho para que o Bê continuasse a dormir. Eu tinha recém passado ele para o carrinho e sabia que teria uma boa hora, se minha mãe ficasse cantando e balançando, para fazer a prova, que tinha tempo para finalizar. Uma vez que eu começasse, precisava terminar em um tempo delimitado, que não lembro qual era. Foi extremamente estressante. Ficava constantemente preocupada se ele ia ou não acordar, minha cabeça não conseguia fazer contas simples, quanto mais as complicadas, o sentimento de culpa por não

estar com ele no colo misturado com o sentimento de impotência, pois não estava entendendo nada da prova, somado ao medo de receber uma nota ruim e perder a láurea. E esse foi um dos primeiros testes que eu fiz depois do Bê nascer. Pensei em desistir da faculdade diversas vezes, afinal, eu já tinha uma graduação, não precisava de outra. Mas meu marido me convenceu a continuar, mesmo se eu perdesse as chances de láurea. O resultado desse exame foi desastroso, mas eu conseguiria recuperar, com a ajuda dos meus amigos e colegas.

Outras duas provas precisei fazer com ele mamando: mais uma de estatística e uma de marketing. O Pablo ficava com ele o máximo que dava para eu me concentrar na prova, mas quando o bichinho acordava com fome, não tinha santo que fizesse ele parar de chorar se não fosse o mamá. Lembro também de uma prova de Administração Financeira II que era bastante extensa, tinha diversos cálculos que eu precisava de muita concentração e estudo prévio para fazer. A minha sorte é que o prazo para fazer a prova era de uma semana, então foi bem parcelado. Durante esse tempo, toda vez que eu conseguia fazer o Bê dormir, eu estudava um pouco, tentava fazer uma questão, pedia ajuda pros meus amigos que estavam conseguindo acompanhar as aulas. O mais marcante dessa prova especificamente foi quando eu fui revisá-la. Eram aproximadamente 2h da manhã, o Pablo estava dormindo na cama, ao meu lado, o Bê no carrinho, do outro e todas as luzes apagadas, só se via o brilho da tela do meu notebook. Eu só pensava “logo ele acorda e eu não vou nem ter conseguido descansar um pouco”. Eu estava exausta. Mas, consegui passar nessa cadeira.

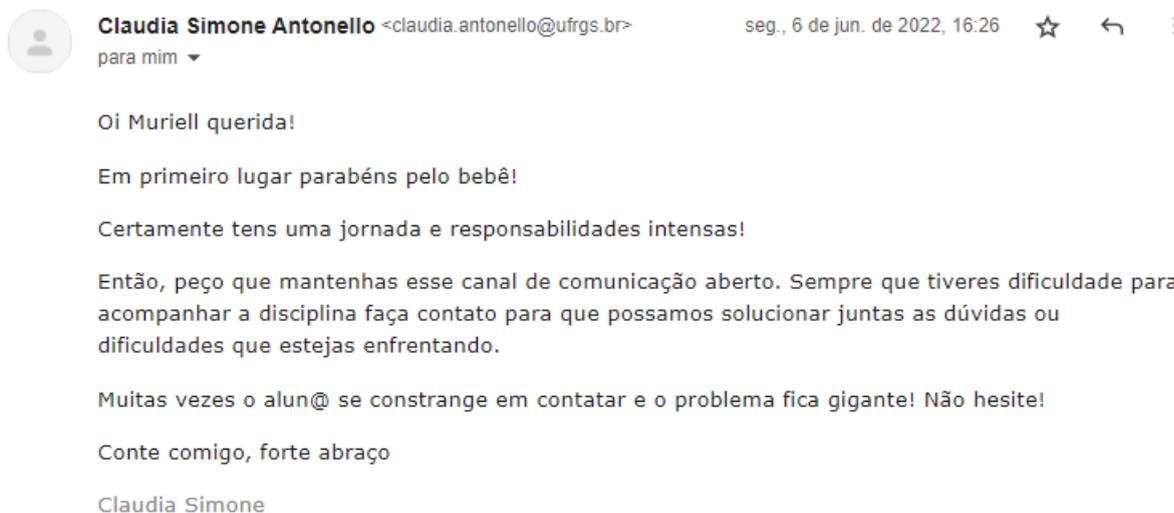
O Pablo pode ter me convencido a continuar na faculdade, mas quem me manteve na luta pelo meu grande objetivo foram os meus amigos que não me deixaram desanimar. Além de me ajudarem constantemente com dicas de estudos e resumos para as provas, eles que seguraram as pontas nos trabalhos em grupo. Eu estava muito acostumada a fazer tudo sozinha. Como eu queria trabalhos bons (soma-se a isso meu traço controlador e perfeccionista), eu que normalmente fazia grande parte sozinha. Dessa vez eu não tinha tempo, nem cabeça para nada. Meus amigos, principalmente a Daniela, puxaram tudo para eles e só me diziam exatamente o que fazer. Não foi fácil, nem para mim, nem para eles. Eu já tinha a culpa materna e agora agregava a culpa acadêmica. Não gostava de depender dos outros ou de deixar meu destino (e minhas notas) na mão dos outros. Gostava menos ainda de deixar o peso de um trabalho em grupo (que eu sabia muito bem

qual era por carregar, e muito, sozinha) sobre os meus amigos. Mas, eles mesmo repetiam diversas vezes até eu aceitar: “tu te esforçou em todos os nossos trabalhos em grupo até aqui, agora, deixa a gente tomar frente!”. E assim, foi um semestre.

Em Junho de 2022, começou o meu oitavo semestre e esse foi o primeiro semestre que a UFRGS voltou a ser presencial. O Bernardo não tinha completado cinco meses ainda e eu não me sentia nem um pouco pronta para voltar. Ainda tinha medo da COVID, principalmente com a possibilidade de passar pro meu bebê, não queria deixar meu filho sozinho e sem leite materno, pois ainda não havíamos conseguido fazer ele tomar leite na mamadeira e, por ele ser muito pequeno, ele dependia muito de mim. Como meu marido não teve licença, eu era basicamente a única constância na vida dele e não queria deixar ele na mão. Sem contar que eu ainda não estava mentalmente pronta para voltar às aulas presenciais e rever muita gente, ficar numa sala fechada. Por sorte, encontrei duas cadeiras de professoras que ainda estavam no grupo de risco e permaneceram com aulas EAD. Cada mês a mais fazia diferença na vida do Bê, porque a gente percebia o desenvolvimento gigante que cada semana trazia. Então fiquei aliviada por ter mais tempo e olhando em retrospectiva, acredito que deu certo esse tempo a mais, pois com sete meses de vida, colocamos ele na creche e ele já não dependia só de mim, convivia com outros bebês, outros adultos, outros estímulos e foi bem mais fácil, no semestre seguinte, deixar ele com o pai.

Voltando pro oitavo semestre, apesar de conseguir cadeiras online, não foi fácil conciliar a minha vida de mãe com a faculdade, ainda mais que o horário da rotina de sono do Bê era bem no meio das aulas. E eu fazia questão de participar de todas as aulas de forma síncrona sempre que eu pudesse. Algo que me marcou nesse semestre foi a professora Cláudia Simone Antonello da cadeira de Desenvolvimento de Pessoas. No início das aulas, ela disponibilizou um questionário para nos conhecer melhor e entender quais as preferências dos alunos, em questão de horários, dificuldades, ferramentas utilizadas em aula. E, no fim do questionário, ela deixou um campo aberto para comentários, dúvidas ou algo que estava faltando e precisava ser dito. Eu normalmente não escreveria nada, mas achei interessante comentar que eu tinha um bebê de quatro meses. Não esperava que a professora sequer lesse, muito menos me respondesse carinhosamente com um e-mail que coloco abaixo na íntegra, como visto na figura 7:

Figura 7 - E-mail da professora Cláudia



Fonte: print do e-mail pessoal da autora (2021)

Esse contato mudou meu semestre! Fez com que essa cadeira fosse meu foco principal e eu me esforcei ao máximo para acompanhar todas as aulas. Lembro de ficar muito surpresa e agradecida, me senti vista e acolhida. Durante as aulas, muitas vezes eu entrava e ficava com a câmera e o microfone fechados, mas participava pelo chat e avisava a professora que só não participava com som, pois o bebê estava mamando ou dormindo no meu colo (até os sete meses o Bê só dormia no colo; eu e o Pablo revezávamos de duas em duas horas dormindo sentados com ele no colo) e a professora Cláudia sempre foi mega compreensiva. Ela sempre perguntava como o Bê estava e mais de uma vez senti liberdade de abrir a câmera e mostrar o bebê para ela. Não foi a toa que tirei nota máxima nessa cadeira. Todo o acolhimento dela fez diferença. Da mesma forma que, assim que o Bê terminava de mamar ou pegava no sono, meu marido pegar ele e me dar o tempo necessário para vir para o escritório e focar no que eu precisava fazer, ajudou demais. Sem essa minha pequena rede de apoio, que foi aumentando ao longo dos meses, eu não teria conseguido participar das aulas.

O nono semestre começou em Novembro de 2022 e eu não tinha mais como escapar das aulas presenciais. Peguei as quatro últimas cadeiras que me faltavam antes do TCC. Por sorte, das quatro, duas tiveram muitas aulas a distância ainda, num modelo meio híbrido. Lembro como se fosse ontem a primeira ida. O Bê já

estava na creche e nós buscamos ele às 17h30, sempre (meu marido sai do trabalho às 17h e vamos sempre juntos). As aulas começam às 18h30 no turno da noite e eu levaria quase uma hora, com trânsito mais a demora para achar uma vaga e estacionar, até chegar na Escola de Administração. Pegamos o Bê e eu já tinha feito um lanche e deixado minha mochila no carro. Chegamos em casa e disse que ia pra aula, mas que voltaria quando ele estivesse dormindo. Conversei muito com ele nos dias anteriores e comentei que o papai faria toda a rotina com ele e logo a mamãe voltaria. Como ele já estava acostumado com eu largado ele na escolinha, não foi difícil, ainda mais porque ele estava com o pai. Mas ele estranhou um pouco e ficaram os dois me olhando ir embora. Eu chorei o caminho todo da zona norte até o centro, sentindo uma culpa enorme de deixar o meu filho. Eu sabia que ele estaria bem com o Pablo, mas e se ele quisesse mamar? Se ele precisasse do meu colo? Se ele me procurasse e não me encontrasse? A culpa só crescia enquanto eu me afastava dele a ponto de eu pensar, mais uma vez, em desistir da faculdade, de dar meia volta e voltar para casa.

Mas fui para a aula mesmo assim. A primeira aula foi numa quinta-feira, fui de máscara apesar de não ser mais obrigatório e eu ser basicamente a única, e já estava me sentindo terrivelmente mal, o que só piorou com a ideia de ficar em uma sala de aula, com pouca circulação de ar e muitas pessoas sem máscara. Já no corredor, esperando a aula começar, encontrei meus amigos e foi muito estranho. Eles já estavam há um semestre tendo aulas presenciais, já haviam se acostumado com a situação, e eu não. Além disso, era a primeira vez que eu saía sem meu filho desde que eu o tinha tido, primeira vez que eu entrava em um ambiente com tanta gente desde o início da pandemia, primeira vez que eu via meus amigos desde quando eu estava grávida. E, como eu não estava acostumada, parecia que as pessoas estavam falando muito perto de mim, sem máscara, todos se abraçavam e eu já estava pensando no meu filho em casa. Fiquei super ansiosa (primeiros dias, em geral já me deixam nervosa, nesse contexto foi ainda pior).

Afora isso, a comunicação com os meus colegas estava diferente. Os assuntos já não faziam mais sentido para mim, eu não queria ir nas festas que eles iam, não me importava tanto com as fofocas, qualquer problema parecia minúsculo perto do que eu estava vivendo e nenhum deles parecia se dar conta de que eu havia mudado. Além disso, essa já é minha segunda graduação, então a diferença de idade já era um fator que nos distanciava um pouco antes, mas me tornar mãe foi

o que abriu um buraco nessa distância. Mais trabalhos em grupo apareceram e caímos mais uma vez na mesma rotina: agora que eu “estava de volta” podia tomar conta de tudo mais uma vez e voltei a fazer os trabalhos sozinha.

Inclusive, numa das cadeiras que eu estava cursando sem meus amigos, pedi para a professora Natália Marroni Borges, que também era mãe, para fazer os trabalhos em grupo sozinha. Primeiro ela disse que seria muito trabalho para uma pessoa só, mas daí expliquei que sempre faço tudo sozinha de qualquer jeito e que seria melhor por não ter que me incomodar com os colegas e ainda trabalhar em horários que ninguém mais trabalha, porque dependia de o meu filho estar dormindo (já que no horário da creche eu estava trabalhando). Acredito que, por ser mãe, ela me entendeu e pude fazer os trabalhos sozinha, o que me ajudou demais. Realmente foi bastante trabalho, mas eu já estava acostumada e consegui nota máxima nessa cadeira também. Mas a maior dificuldade, além do cansaço de cuidar de um filho, uma casa, trabalhar e estudar, foi que, mesmo depois de quase um ano, meu cérebro ainda não tinha voltado ao normal, e acredito que ainda não voltou por completo, pois, desde que voltei, é muito mais difícil me concentrar (por ter que ir parando e voltando mais vezes que o normal para atender a demanda do meu bebê) e acho muito mais difícil encontrar palavras ou sinônimos para escrever um texto acadêmico. Sem contar que, no início, meu foco total era ser laureada, mas depois que o Bê nasceu, minha prioridade virou absolutamente ele e é difícil dar a mesma importância para muita coisa depois disso.

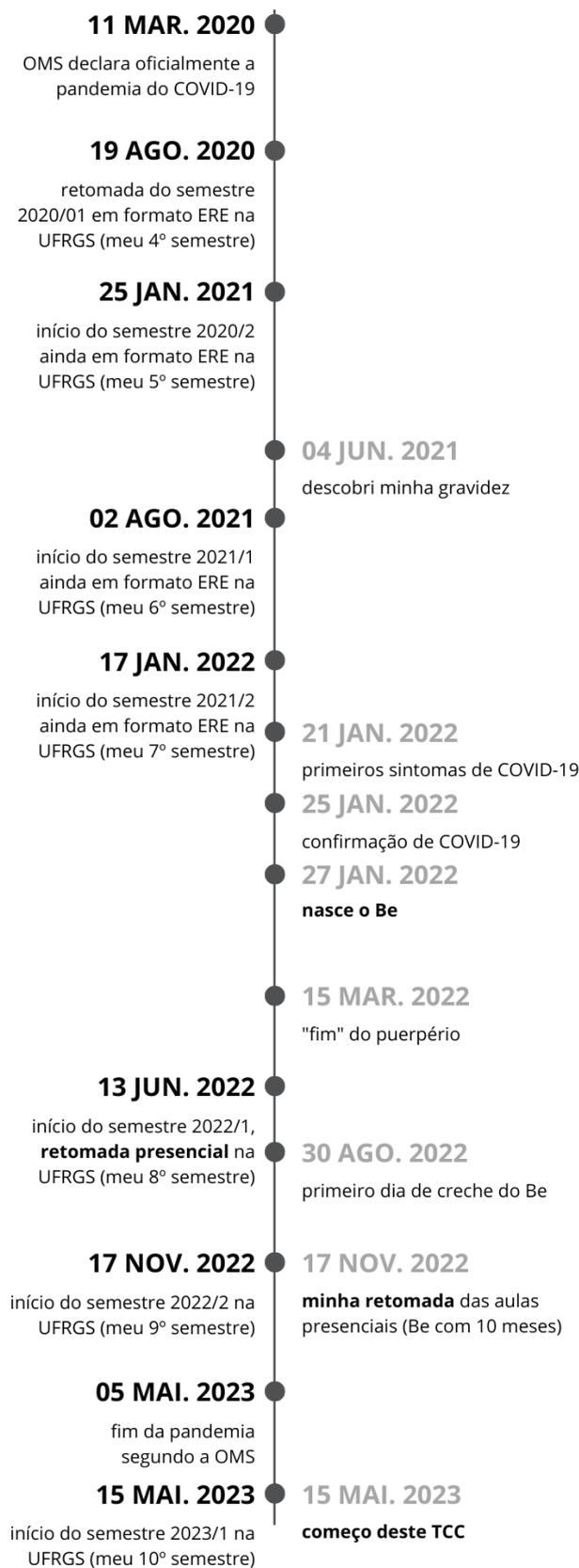
Talvez por isso tenha sentido meus amigos se afastando, uma vez que as prioridades deles não haviam mudado como as minhas. Fui também me ressentindo em relação à eles quando percebi que ninguém perguntava sobre o Bernardo, a coisa mais importante na minha vida, além de notar também que, em quase um ano, eles tinham visto meu filho apenas uma vez porque eu disse que não podia deixar ele sozinho aos 3 meses de idade. Várias vezes via pelas redes sociais que meus amigos estavam fazendo coisas sem nem pensar em me convidar, me senti desconectada, já me sentia “só” mãe o tempo todo e isso foi me deixando ainda mais triste. Nossa comunicação virou estritamente acadêmica. Mal nos falávamos fora da faculdade e nem eu, nem eles, parecíamos entender o lado um do outro. Eu só queria que as aulas acabassem para voltar pra casa, só queria que o semestre acabasse para focar no TCC e em me formar.

Ao mesmo tempo, era a primeira vez que eu não estava sendo mãe, mesmo preocupada com o Bernardo o tempo todo, eu podia ser a Muriell estudante, por um tempo. No momento que eu estava em aula eu podia pensar em coisas que não fossem só o meu filho. Eu podia inclusive me arrumar para sair de casa, coisa que eu não vinha fazendo com nenhuma frequência.

Por fim, cheguei no último semestre da faculdade, em Maio de 2023 “apenas” com o TCC faltando para me formar. No final do nono semestre, tive a oportunidade de fazer parte de um projeto incrível com pessoas igualmente incríveis. A ideia era fazer um podcast sobre assuntos da universidade para o público geral. Então, juntamente com o meu orientador, Luis Felipe Nascimento, e a doutoranda dele, Mariana Vargas Braga da Silva, criamos o PodSer, que virou Projeto de Extensão, e um dos motivos é porque a vida de mãe sempre tem que ser dificultada e houve a inclusão da necessidade de horas de extensão no currículo da UFRGS. Brincadeiras à parte, por fazer parte desse projeto, nosso primeiro episódio e a ideia desse TCC surgiram das dificuldades que enfrentei ao longo da minha maternidade como acadêmica. Esse foi um assunto que me motivava a pesquisar e saber mais, tendo em vista tudo que eu havia passado. Me perguntava se eu era a única que tinha essas dificuldades e quis uma forma de mostrar para todos um pouco do meu lado, porque é muito difícil entender algo pelo qual tu não passou. Eu senti isso na pele. E graças a Mariana, eu escrevo esse relato, porque, se não fosse ela, minha pesquisa seria outra.

E assim finalizo meu relato, mas não minha história. Obrigada por me acompanhar até aqui. Abaixo deixo minha linha do tempo (figura 8).

Figura 8 - Minha Linha do Tempo



Fonte: elaborado pela autora (2023)

## 4.2 DADOS SECUNDÁRIOS

### 4.2.1 Entrevista com Fernanda Ramos

A entrevista com Fernanda Ramos abordou sua experiência como mãe e pesquisadora, destacando diversos aspectos da maternidade e sua interação com a vida acadêmica. Ela falou sobre o impacto da descoberta da gravidez, a preparação e as mudanças de planos que a maternidade trouxe. Fernanda discutiu os desafios do parto, a dor e a gratificação que vêm com a experiência de ser mãe.

Fernanda também abordou a falta de preparação para a maternidade, a sobrecarga materna, as restrições alimentares e a dificuldade da amamentação. Ela refletiu sobre a pressão social sobre as mães e como muitas vezes se esquecem das mães em detrimento do foco no bebê. Para os pesquisadores Sidelil, Spark e Cuthbert (2023, p.7), “o papel social de gênero das mulheres como cuidadoras principais ainda é um fardo para as mulheres acadêmicas, apesar de sua formação educacional, status profissional e responsabilidades”. Mesmo que a sociedade venha mudando e “permitindo” à mulher que se coloque no mercado de trabalho, e não somente como dona de casa, ainda assim, a responsabilidade de cuidar dos filhos ainda é vista como tarefa da mãe, permitindo ao pai maior liberdade e assim, gerando uma distância cada vez maior entre os gêneros, seja na academia, seja no mercado de trabalho.

A entrevista também explorou a questão da maternidade na academia, discutindo como as responsabilidades de pesquisa e maternidade muitas vezes competem entre si. As grandes exigências e expectativas por parte tanto da academia, quanto da família, dificulta a conciliação da vida desta mãe, gerando a competição citada pela entrevistada (SIDELIL, SPARK, CUTHBERT, 2023). Além disso, academia e família, “frequentemente são descritas como duas instituições gananciosas (Eddy & Ward [sic], 2017; Morley [sic], 2014) que requerem a atenção exclusiva e indivisível das mulheres” (SIDELIL, SPARK, CUTHBERT, 2023, p.6, tradução da autora). Portanto, neste ponto, a entrevista retrata o indicado pela literatura do quanto uma única mulher se desdobra em tantas para resolver distintas exigências e expectativas exclusivas e inconciliáveis.

Fernanda mencionou também a necessidade de mais discussões sobre maternidade na academia e políticas públicas mais abrangentes para mães. Isso é

corroborado por Navarro-Cruz *et al.* (2023, p.218) em sua pesquisa ao enfatizar que “as instituições de ensino superior muitas vezes não possuem os serviços necessários para apoiar adequadamente estudantes que são pais, e os serviços existentes nem sempre são de fácil acesso”. Na pesquisa de Sidelil, Spark e Cuthbert (2023, p.7), também podemos ver esse argumento entre as participantes entrevistadas, uma vez que indicava um agravamento dos desafios por elas enfrentados na “ausência de infraestrutura institucional, como centros de cuidados infantis no campus”, por exemplo.

Além disso, durante a entrevista, Fernanda comentou da dificuldade de dizer “não” quando os colegas pediram sua ajuda, mesmo durante sua licença maternidade. Tal dificuldade não reside apenas no relato da Fernanda, Pajalic *et al.* (2023) descreve que existe um medo nas mães de dizer “não” e perder prestígio na academia, ao mesmo tempo que isso às proporciona culpa por não conseguir dar tudo de si nem para o filho, nem para a carreira.

Ela mencionou a importância de levar a maternidade para a pesquisa acadêmica e como isso pode contribuir para uma mudança de interesses e direcionamento de tópicos de pesquisa. Fernanda expressou o desejo de trazer mais atenção para questões de maternidade e sustentabilidade, buscando promover o consumo consciente entre as mães.

A entrevistada também destacou o apoio de sua orientadora, que compreendeu as pressões e desafios enfrentados durante a maternidade e a academia, frisando que “mães compreendem outras mães”. Fernanda compartilhou sua perspectiva de avanço e realização em relação à pesquisa e maternidade, bem como sua intenção de trazer mais atenção e discussão para as questões de maternidade na academia.

#### 4.2.2 Entrevista com Fernanda Reichert

A entrevista com Fernanda Reichert oferece percepções sobre suas experiências como mãe e professora. Ela discute como a maternidade mudou sua perspectiva e prioridades, levando-a se tornar mais empática e atenta ao equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Em sua pesquisa, Ashipala e Natanael (2022) trazem um ponto que impossibilita o equilíbrio buscado pelas mães ao mostrar que o vínculo com os filhos foi negativamente afetado quando as mães tinham que sair para

cumprir os compromissos com a academia, o que incluiu, para algumas participantes, deixarem de amamentar por não conseguirem conciliar ambas demandas.

Ela enfatiza os desafios que as mães enfrentam na academia, destacando questões como exclusão de grupos de pesquisa, lacunas na publicação e dificuldades em equilibrar pesquisa e responsabilidades de cuidado. Pajalic et al. (2023, p.3) observam que a forma de um acadêmico se desenvolver em sua carreira é majoritariamente baseado em suas publicações, mas que, mesmo assim, a maioria das mães docentes “embora soubessem o quanto a pesquisa era importante para o avanço na carreira, tinham dificuldade em priorizá-la entre suas outras responsabilidades”.

Fernanda também fala sobre seu envolvimento no grupo "*Parent in Science*", que busca conscientizar e abordar os desafios enfrentados pelas mães na academia. Ela contou sobre os esforços do grupo para defender mudanças de políticas em agências de fomento, incentivar a flexibilidade nas condições de trabalho e promover um ambiente mais inclusivo e de apoio para as mães acadêmicas.

A entrevista destaca a importância de abordar preconceitos e estereótipos de gênero relacionados à maternidade na academia, e como esses preconceitos podem afetar tanto as mulheres quanto os homens. Igualmente ressalta a necessidade de maior representação, visibilidade e apoio às mães em ambientes acadêmicos. Fernanda ainda reconhece o progresso alcançado, mas também reconhece os desafios contínuos que as mães ainda enfrentam. Diante disso, Sidelil, Spark e Cuthbert (2023) apontam que as mulheres acadêmicas têm dificuldade em se encaixar no padrão ideal do acadêmico (focado nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática) devido aos papéis sociais e expectativas de gênero. As mães relatam falta de tempo e energia para o trabalho, que não vêm nos pares masculinos. Ainda de acordo com os autores, a estrutura de gênero favorece os homens, permitindo-lhes equilibrar trabalho e vida pessoal e prosperar em suas carreiras (SIDELIL; SPARK; CUTHBERT, 2023). Essas experiências refletem uma questão mais ampla de sub-representação feminina nas áreas acadêmicas acima citadas devido aos papéis familiares de gênero.

Na sequência, Fernanda ressalta que, embora a lei permita, muitas mães ainda encontram obstáculos para usufruir de licença maternidade, na sua visão a academia não é um ambiente que proporcione facilidades nesse aspecto. Pois,

como ela enfatiza, as mães enfrentam dificuldades para conseguir as licenças de maternidade em função da natureza do trabalho, além de que, na prática, a flexibilidade sobre a carga horária não faz muita diferença, especialmente para pesquisadoras que precisam estar presentes em laboratórios e realizar atividades específicas. Ela também destaca a importância de representatividade, conscientização e apoio para as mães na academia.

Em seguida, destaca que a pandemia mostrou a importância de se adaptar às novas situações - pela quarentena, uso de máscaras, novos cuidados, novas formas de educação, entre outras tantas mudanças - e, também, de construir redes de apoio, tanto institucionais quanto pessoais, assim como Pajalic et al. (2023) também ressaltam a importância desse suporte vindo especialmente dos seus colegas de academia. Ainda mais que durante o período de quarentena, as responsabilidades domésticas tiveram um aumento desproporcional sobre as mulheres nos lares onde havia crianças, conforme apontado também por Yildirim e Eslen-Ziya (2021). Desta forma, todo o suporte, tanto da academia, das famílias e dos amigos são relevantes para que a mãe possa dar continuidade a todas as suas tarefas.

A entrevista também aborda a produtividade das mulheres na academia em relação à maternidade. Fernanda menciona um estudo que ela e seu grupo realizaram, analisando a produção acadêmica de homens e mulheres após o nascimento dos filhos. Contou que o estudo mostrou que as mulheres levam cerca de quatro anos para retomar o nível de produção anterior ao nascimento do filho. Isso é influenciado por diversos fatores, como a interrupção das atividades de pesquisa durante a licença maternidade e a dificuldade em retomar projetos após esse período.

Assim, considerando os aspectos mencionados, Fernanda complementa que a análise da produtividade não deve se limitar apenas a um período específico, mas considerar as circunstâncias e desafios enfrentados pelas mães. Ela destaca que, embora o campo da maternidade no currículo acadêmico (Lattes) não seja valorizado, é importante que os avaliadores considerem a situação das mães e entendam que a interrupção na produção não reflete incapacidade, mas sim as dificuldades enfrentadas. Da mesma forma, Monteiro e Maia (2021, p.6) corroboram com esse pensamento quando afirmam que “apenas uma mudança isolada em um item do currículo não é capaz de alterar profundamente a postura androcêntrica e colonial que pautam os ambientes acadêmicos”.

No final da entrevista, Fernanda reforça a importância da conscientização no ambiente acadêmico sobre as necessidades das mães, a preparação institucional para acolher essas demandas e a construção de redes de apoio. Ela também ressalta a influência dos privilégios da academia e do serviço público nas possibilidades que as mães têm de conciliar maternidade e carreira acadêmica.

#### 4.2.3 Entrevista com Marília Bonzanini Bossle

Na entrevista, Marília Bossle compartilha suas experiências de maternidade e como professora. Ela estava, no momento da entrevista, grávida de seu terceiro filho, e discute suas vivências durante as gestações e após o nascimento dos filhos. Ela fala sobre sua transformação de não querer ser mãe para engravidar durante seu doutorado e pós-doutorado.

A Marília menciona que suas experiências de maternidade ocorreram em diferentes momentos de sua vida, e que viveu algumas experiências desafiadoras. Ela observa como a cultura de gênero na Dinamarca, onde morou por um tempo, proporcionou um ambiente mais igualitário e apoio à maternidade e paternidade. Em países menos desenvolvidos, onde a cultura enraizada amplia a sobrecarga materna ao colocar praticamente toda responsabilidade de criação dos filhos sobre a mulher, notamos, por meio da pesquisa de Sidelil, Spark e Cuthbert (2023), que o sentimento da mulher é de que o homem sai do trabalho para relaxar, enquanto as mães saem do trabalho para trabalhar ainda mais [em casa], desnivelando o campo em que ambos atuam, uma vez que a mulher está sempre esgotada, sem tempo nem energia para começar, uma pesquisa.

Na área da pesquisa e o trabalho desenvolvido pela inclusão das mães na academia, Marília destaca também o "*Parent in Science*". Este é um movimento que surgiu para estudar e abordar o impacto da maternidade e paternidade na carreira científica e acadêmica. Esse movimento busca conscientizar sobre as dificuldades enfrentadas por pais e mães na academia e propor políticas de apoio.

No que tange às políticas de apoio, Marília fala sobre a importância das licenças de maternidade que teve e da flexibilização no trabalho durante e após a licença. Ela compartilha como pôde trabalhar de casa e receber apoio de sua instituição, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), permitindo que ela equilibrasse a maternidade com suas responsabilidades profissionais. Também

menciona a pandemia da COVID-19 e como as políticas de flexibilidade permitiram que ela cuidasse de seu segundo filho durante esse período. Porém, a pandemia também acentuou o problema da sobrecarga materna, como exposto por Monteiro e Maia (2021), uma vez que as principais prejudicadas pelo ensino remoto foram as mulheres, o que piorava “nas famílias em que havia crianças presentes, [onde] as mulheres ficaram desproporcionalmente sobrecarregadas com as responsabilidades domésticas durante a quarentena” (THOMAS, TALBOT E BRIGGS, 2021).

Nessa conversa, Marília compartilha suas experiências como mãe de três filhos, acadêmica e professora. Ela destaca a importância de valorizar os momentos com os filhos, mesmo durante os desafios diários. Marília ressalta a gratificação de participar ativamente do desenvolvimento das crianças e de transmitir valores importantes. Ela reconhece a necessidade de equilibrar a maternidade com a carreira acadêmica e observa a falta de tempo para pesquisa devido às responsabilidades maternas. De acordo com Pajalic et al. (2023), o preparo mental que é necessário antes da pesquisa em si, como ler artigos, desenhar a organização de pesquisa, escrever projetos, é um dos fatores de falta de estrutura, um obstáculo, percebido pelas mães na academia, uma vez que, tendo filhos, essa linha de raciocínio lógico, que se precisa ter, é muitas vezes quebrada constantemente, por priorizar as demandas dos filhos.

Por último, Marília enfatiza a importância de confiar nos instintos maternos e de normalizar a maternidade na sociedade e na academia. Ela critica o preconceito de gênero ao abordar questões de maternidade em entrevistas de emprego ou de banca e defende a igualdade de oportunidades para homens e mulheres. Marília também destaca a importância de uma rede de apoio e de compartilhar responsabilidades parentais. Ela também salienta a necessidade de conscientização e mudanças culturais para promover uma abordagem mais inclusiva à maternidade e à carreira.

## 5 DISCUSSÃO

Será apresentado neste capítulo a análise de resultados deste estudo com base no meu relato autobiográfico e nos dados secundários referente às entrevistas feitas para o episódio de podcast sobre maternidade na academia.

### 5.1 A VIVÊNCIA MATERNA

Ao mesmo tempo que cada experiência materna é única, há muitas semelhanças. Durante cada entrevista me peguei pensando diversas vezes que o mesmo, ou algo muito parecido, já havia ocorrido comigo. E a primeira percepção que as mães têm é que a vida vai mudar, porém, é nítido que nenhuma de nós estava preparada para o que viria a seguir.

As experiências compartilhadas pelas mulheres entrevistadas lançam luz sobre os desafios enfrentados por mães acadêmicas, especialmente no que diz respeito à revelação da gravidez e aos preconceitos subjacentes à maternidade na academia. Uma observação interessante relatada por Fernanda Reichert é que a falta de interesse em orientar candidatas grávidas não é exclusiva dos orientadores homens, mas também se estende às orientadoras do sexo feminino. O questionamento sobre quem cuidará do filho de uma candidata grávida reflete a persistência dos estereótipos de gênero, que presumem que a responsabilidade recai automaticamente sobre a mãe (THOMAS; TALBOT; BRIGGS, 2021).

Marília Bossle igualmente destaca a desigualdade de gênero implícito nos questionamentos enfrentados pelas mães acadêmicas. Ela contrasta a falta das mesmas perguntas sobre a vida familiar de homens com as constantes preocupações direcionadas às mulheres. Isso reflete uma mentalidade arraigada que perpetua a ideia de que a maternidade é uma responsabilidade exclusiva das mulheres, limitando suas oportunidades e perpetuando a desigualdade, como exposto por Carpes et al. (2022), em sua pesquisa, onde, no Brasil, as mulheres dedicam o dobro do tempo semanal dos homens para as tarefas domésticas e o cuidado de pessoas, sendo as principais responsáveis por essas funções. Essa demanda excessiva de tempo reduz a disponibilidade feminina para outras atividades, resultando em cansaço e estresse, o que, por sua vez, afeta negativamente tanto a saúde física quanto a mental das mulheres.

“Eu já escutei algumas vezes: ‘como é que tu dá conta de tudo, como é que tu consegue fazer?’. Eu não dou conta de tudo, eu não consigo fazer. A gente faz o que dá, a gente vai fazendo. Mas não é uma questão de dar conta de tudo isso. São questões que são feitas majoritariamente para mulheres. O homem, numa entrevista de emprego ou entrevista de mestrado, doutorado, raramente vai ser perguntado ‘você pretende ter filhos? Quem vai cuidar dos seus filhos enquanto você estuda?’. E isso raramente acontece. Agora, com as mulheres, praticamente todas nós temos histórias assim.” (Marília Bossle)

Outro ponto importante no trecho da entrevista da Marília é a falsa ideia de que as mulheres dão conta de tudo e um dos argumentos mais utilizados é que “mulheres são melhores em multitarefas”. Porém, Carpes *et al.* (2022) aponta estudo em que “pesquisadores testaram o desempenho de homens e mulheres em diferentes multitarefas, verificou-se que não houve diferença entre os sexos no que concerne ao desempenho”. Esse argumento perpetua um estereótipo que contribui para o aumento contínuo das disparidades de gênero, tanto na academia quanto na sociedade.

O medo de contar sobre a gravidez é outro ponto recorrente nas falas, indicando a existência de uma preocupação generalizada com as reações dos orientadores e colegas, conforme representado na fala de Fernanda Reichert, em que “um dos maiores medos das alunas quando engravidam é contar a novidade para o seu orientador. Por quê? Porque tem uma expectativa já de que não é uma notícia tão bem recebida.” A percepção de que a notícia pode não ser bem recebida sugere uma falta de acolhimento e apoio, o que pode influenciar a decisão de quando e como compartilhar essa informação crucial.

No meu caso, eu havia começado o estágio há dois meses e, sabendo que estagiárias não têm direito a licença maternidade, tinha certeza que não dariam continuidade ao meu contrato de tanto que ouvi casos piores com mulheres de carteira assinada. Fernanda Reichert evidencia isso em sua fala quando diz que “as mulheres têm a proteção enquanto estão de licença e um período de retorno, mas passado esse período, muitas realmente são dispensadas”.

Felizmente, esse não foi o caso. Porém, essa dinâmica reforça a necessidade de uma mudança cultural na academia, onde a maternidade seja vista como uma parte natural da vida das mulheres acadêmicas, em vez de uma preocupação que necessita ser escondida. Marília comprova essa vulnerabilidade ao dizer que “[...]”

mesmo agora, né? Eu estou numa posição de estabilidade, eu sou funcionária pública e ainda assim a gente tem medo de falar que a gente está grávida".

As narrativas também destacam a importância das redes de apoio e solidariedade entre as mães acadêmicas. Fernanda Reichert enfatiza que as mães não estão sozinhas em suas experiências e lutas. A criação de redes pode ser uma estratégia vital para que as mulheres se sintam mais à vontade para compartilhar suas histórias e enfrentar os desafios de maneira colaborativa, buscando apoio mútuo e compreensão.

"A minha experiência foi bem positiva, mas muitas não têm essa experiência positiva, de relatos assim do tipo 'tá e o que vai fazer com isso aí?', apontando para barriga. Então, são coisas realmente pesadas, fortes e que justamente por não ser só comigo é que a gente precisa dessas redes de apoio e de mostrar que as mães não estão sozinhas, né?" (Fernanda Reichert)

Além disso, as falas apontam para a persistência da resistência à maternidade na academia, mesmo em posições de estabilidade. Isso revela que a relutância em compartilhar a gravidez é influenciada por normas e expectativas institucionais profundamente enraizadas, indicando que a mudança é necessária em todos os níveis da hierarquia acadêmica (Zhang, 2021). Comentários desnecessários cercam as mães no ambiente acadêmico. Um exemplo bem claro está presente na fala da Marília ao relatar: "Eu tenho uma colega que está grávida que escutou de um colega que era o pior momento pra ela engravidar. O que ele sabe do momento de engravidar, né?". Inclusive, a própria entrevistada pôde perceber essa resistência em seus colegas:

"[...] tem uma resistência, tu vê que os colegas, mesmo que tentem disfarçar, mas é aquela coisa assim 'vai sair seis meses de licença, vai ficar fora'. E agora no terceiro filho ainda tem aquele 'terceiro filho, né?'." (Marília Bossle)

As falas indicam a necessidade de transformar a cultura acadêmica para garantir um ambiente inclusivo e respeitoso para todas as mulheres, independentemente de serem mães ou não. Isso requer ações concretas, como a implementação de políticas, a licença maternidade e paternidade mais abrangentes, a criação de redes de apoio e a promoção da sensibilização de gênero entre todos

os membros da comunidade acadêmica (BAKER; FRENCH, 2017; POCOOCK *et al.*, 2013; ASHIPALA; NATANAEL, 2022).

As mães, como Marília Bossle destaca, se tornam uma âncora essencial na vida de seus filhos, mantendo um papel central ao longo de um período prolongado. Isso enfatiza a carga contínua de responsabilidade que as mães acadêmicas carregam, ao enfrentar não apenas os desafios do ambiente acadêmico, mas também as demandas constantes de cuidado e orientação parental (COSTA, 2021).

No entanto, ao explorar as experiências das mães acadêmicas, surgem preocupações pertinentes relacionadas ao conflito interno e à culpa materna. Neste sentido, Fernanda Ramos compartilha a dificuldade de equilibrar os compromissos acadêmicos com as responsabilidades maternas em sua fala: “É muito difícil, porque a impressão que tu tem [...] é que não é algo que se deveria estar fazendo”. A expressão de que envolver-se na academia pode gerar sentimentos de culpa sugere um dilema emocional inerente a essa dualidade de papéis. Essa constatação levanta questões sobre as expectativas sociais e pessoais associadas ao desempenho nas duas esferas. Essa é uma experiência que também senti na pele, principalmente quando fiquei a primeira vez longe do meu filho ao ir para uma aula presencial e o sentimento é exatamente este, porque tu sentes que estás fazendo algo errado, sente que estás fazendo alguém sofrer e sofrendo muito ao mesmo tempo. Por outro lado, como compartilho no meu relato, existe um sentimento de “voltar ao normal”, mesmo que seja mera ilusão. Um sentimento de ser quem tu eras, quase como um sentimento de liberdade, e isso, mais uma vez, gera culpa, pois isto não era o que uma mãe “deveria” sentir.

Além disso, a preocupação com o equilíbrio entre o papel materno e acadêmico para Fernanda Ramos, é somada à culpa decorrente da percepção de que o tempo investido na pesquisa poderia estar sendo direcionado aos filhos, de acordo com sua frase: “tu te sente culpada por estar fazendo aquilo [pesquisa] e não estar atendendo o teu filho. Então, assim, ainda não tem coisas muito positivas [sobre ser mãe no ambiente acadêmico]”. Essa inquietação ressalta a pressão interna enfrentada pelas mães acadêmicas para atender plenamente a ambas as responsabilidades, muitas vezes gerando sentimentos negativos e desafiadores.

De acordo com Pajalic *et al.* (2023), é bastante comum realizar atividades de pesquisa durante as horas noturnas, muitas vezes sacrificando o convívio familiar. Muitos pesquisadores se encontram na situação de necessitar redigir artigos de

pesquisa durante a noite, o que acaba afetando o tempo que conseguem dedicar à família. Esse comprometimento excessivo com as responsabilidades acadêmicas pode resultar em cenários nos quais os membros da família percebem que o pesquisador está investindo um período considerável de tempo na redação dos artigos, em detrimento das interações familiares.

Outra dimensão relevante emerge nas incertezas relacionadas à educação e à formação dos filhos. Afinal, as mães acadêmicas, como a Marília Bossle explora em entrevista, ponderam constantemente sobre as decisões que tomam na criação de seus filhos, buscando garantir que sejam incluídos valores sólidos. Essa reflexão evidencia as ansiedades intrínsecas à maternidade, que são exacerbadas pelo contexto acadêmico, onde se espera alta performance tanto na esfera profissional quanto pessoal (SILVA; VAUTERO; USSENE, 2021; NAVARRO-CRUZ *et al.*, 2023).

“[...] tem fases que são mais difíceis, que a criança tá passando também por mudanças, que a gente fica pensando ‘ai, será que eu estou fazendo certo? Será que eu estou criando certo? Será que eu estou criando uma boa pessoa, com bons valores?’.” (Marília Bossle)

A dualidade de ser mãe e acadêmica dá origem a conflitos emocionais e dilemas internos complexos. A necessidade de equilibrar responsabilidades diversas, as pressões sociais e a autoexigência podem gerar tensões emocionais, resultando em uma experiência que transcende as fronteiras da academia e da maternidade. Marandet e Wainwright (2009) ressaltaram aspectos significativos de isolamento e sentimento de culpa entre mães acadêmicas, com foco em estudantes de graduação. Segundo os autores, ao explorar as necessidades de aprendizado e as vivências de estudantes com filhos pequenos no ambiente universitário, identificaram um senso de exclusão desde o início de suas experiências no ensino superior.

Esse foi um sentimento bem forte que eu tive quando voltei para as aulas presenciais, como eu contei:

“[...] depois que o Bê nasceu, minha prioridade virou absolutamente ele e é difícil dar a mesma importância para muita coisa depois disso. Talvez por isso tenha sentido meus amigos se afastando, uma vez que as prioridades deles não haviam mudado como as minhas. Fui também me ressentindo em relação à eles quando percebi que ninguém perguntava sobre o Bernardo, a coisa mais importante na minha vida, além de notar também que, em quase um ano, eles tinham visto meu filho apenas uma vez porque eu disse que não podia deixar ele sozinho aos 3 meses de idade. Várias vezes via

pelas redes sociais que meus amigos estavam fazendo coisas sem nem pensar em me convidar, me senti desconectada, já me sentia “só” mãe o tempo todo e isso foi me deixando ainda mais triste. Nossa comunicação virou estritamente acadêmica. Mal nos falávamos fora da faculdade e nem eu, nem eles, parecíamos entender o lado um do outro. Eu só queria que as aulas acabassem para voltar pra casa, só queria que o semestre acabasse [...]” (Relato Autobiográfico)

## 5.2 EXPERIÊNCIA E DESAFIOS DA MATERNIDADE

Tanto no meu relato quanto no das entrevistadas, há o mesmo entendimento de que a vida muda drasticamente após nos tornarmos mães, com muitos desafios a serem superados e a percepção de que a maternidade é constantemente fugir do planejado. Nós nunca sabemos o que vai acontecer, porque cada ser é diferente.

Além disso, mudam nossas prioridades, nossos sonhos, nossas vontades. Eu, que precisava dormir mais de oito horas por noite para ficar bem no outro dia, tive que aprender a lidar com poucas horas de sono e nenhuma delas seguidas. Eu e meu marido revezamos de duas em duas horas com o nosso filho no colo, porque era o único lugar onde o sono dele era contínuo. A maternidade exige doação e dedicação, fazendo com que as mães precisem abrir mão de certos aspectos de suas vidas anteriores. A presença constante das crianças, mesmo que seja para atender a pequenas necessidades, cria um emaranhado de responsabilidades que muitas vezes dificulta o foco em outras atividades, como o trabalho acadêmico.

“Tem algumas dificuldades de a gente fazer coisas sendo mãe, porque a vida muda muito. A gente acaba abrindo mão da vida, pelo menos por esse período [...]. Mas ainda assim, até para mim, às vezes é difícil ficar longe dela, sabe? Tentar sentar e ‘não, hoje eu vou fazer isso’, porque daí eu ouço a Luísa chorar [...]. Eu tenho que ir lá. E mesmo que sei lá, seja porque um brinquedo caiu no chão, ela ficou chateada com isso. [...] tem que ir lá e ver o que está acontecendo. Mesmo que ela fique só com o meu marido ou com a minha mãe, né? Igual a gente está sempre por perto.” (Fernanda Ramos)

A pressão social e familiar em torno do recém-nascido também é mencionada. As mães sentem que, após o nascimento do bebê, a atenção é quase totalmente direcionada ao bebê, e elas se veem perdendo um pouco de foco em si mesmas. A maternidade parece redefinir as prioridades, levando a uma sensação de estar sobrecarregada e com responsabilidades abrangentes, conforme visto por Sidelil, Spark e Cuthbert (2023).

"[...] depois que o bebê nasce, ninguém nem lembra mais da mãe e aí todo mundo só quer saber do bebê. E a gente também se preocupa com aquele bebê. Mas a gente também acaba esquecendo de se preocupar um pouco com a gente, sabe? É complicado."  
(Fernanda Ramos)

Além disso, as falas ressaltam que a maternidade transcende o ambiente acadêmico e transforma a percepção do mundo. A vida se torna mais complexa e cheia de responsabilidades, muitas vezes deixando as acadêmicas com a sensação de que se concentram mais nos desafios do que nas coisas positivas. Como complemento desta percepção, Fernanda Reichert ressalta: "[...] realmente muda a nossa vida, né? Então a gente vê que o mundo acaba sendo muito maior do que aquele mundo que a gente vivia ali de academia, né?".

Também é enfatizada a responsabilidade associada à maternidade, que muitas vezes limita a liberdade das mães de dedicar tempo a si mesmas ou a outras atividades além da maternidade e do trabalho. As falas indicam que essa responsabilidade é uma constante, deixando pouco espaço para momentos de desconexão ou autocuidado. Em seu estudo, Ashipala e Natanael (2022) reportam que, quando uma mãe se vê confrontada com a necessidade de fazer escolhas entre várias responsabilidades, é frequentemente o seu tempo de lazer que ela está mais disposta a sacrificar.

Eu sinto muito isso em relação ao meu filho e o trabalho que escrevo aqui, pois os dois demandam muita atenção e tempo, então é mais difícil ler um livro por prazer sem sentir culpa, uma vez que sei que tenho uma pesquisa para realizar ou brincar com o meu filho. Não existe uma pausa, como exposto por uma das entrevistadas.

"a gente tem uma responsabilidade muito grande, né? Então a gente não pode muitas vezes nos dar o direito de "ah, não, hoje eu não estou afim de hoje, eu não estou afim de ir pra casa, eu vou dar uma sumida, eu quero dar uma esparecida". A gente não tem esse direito, né?" (Marília Bossle)

Alcançar esse equilíbrio se prova extremamente difícil dado que "a maternidade é um ato de sacrifício próprio, sendo esperado que as mães sempre coloquem as necessidades de seus filhos acima das suas próprias (MAMHUTE, 2011 apud ASHIPALA, NATANAEL, 2022, p.2). Para Fernanda Reichert esse

sentimento se reflete em sua fala: “tu vira mãe e tudo começa a ser um grande emaranhado, um grande novelo de lã cheio de pontas aí que a gente vai ligando”.

Quanto às possibilidades do ensino a distância, foi visto que têm um impacto significativo na vida das mães pesquisadoras. Elas oferecem uma abordagem viável para conciliar as múltiplas demandas da academia e da maternidade, permitindo uma maior integração e equilíbrio entre essas duas facetas. A tecnologia desempenha um papel crucial na transformação dos limites tradicionais e nas expectativas de como as mulheres podem se envolver ativamente em ambas as esferas de suas vidas. Isso pode ser corroborado pelos resultados da pesquisa de Thomas, Talbot e Briggs (2021) onde mostram que facilidades que a tecnologia trouxe ajudaram as mães na transição dos seus papéis em casa e na academia, uma vez que, por exemplo, as aulas passaram a ser gravadas.

Um dos aspectos que emerge das experiências compartilhadas por mães pesquisadoras é a importância do ensino a distância e da flexibilidade na configuração acadêmica contemporânea. A flexibilidade proporcionada pela adoção do ensino a distância e das tecnologias digitais oferece às mães pesquisadoras a capacidade de conciliar as responsabilidades da maternidade com as demandas acadêmicas (ASHIPALA; NATANAEL, 2022). Como observado por Fernanda Ramos, ser uma bolsista Capes permite a realização das tarefas acadêmicas e reuniões por meio do ambiente digital, possibilitando assim a combinação das funções de pesquisadora e cuidadora.

Além disso, a flexibilidade oferecida pelo ensino a distância também pode desempenhar um papel essencial no retorno das mães pesquisadoras após o período de licença maternidade. A pandemia, mencionada por Marília Bossle, trouxe consigo regulamentações e políticas que permitiam que mães de filhos pequenos permanecessem em casa durante esse período crítico. Ao mesmo tempo que este período de pandemia desencadeou em um acúmulo de atividades invisíveis, a fala indica como as soluções flexíveis, como o ensino a distância, podem ser cruciais para acomodar as complexas demandas das mães no ambiente acadêmico, especialmente em circunstâncias excepcionais (GUYOTTE *et al.*, 2023).

“Com o segundo filho, eu peguei a pandemia. [...] ele tinha um ano e meio, acho, quando eu retornei presencial. Então, assim, a gente tinha também, né, na pandemia tinha algumas algumas portarias e legislações que deixavam as mães de filho pequeno, mães que

estavam amamentando, ficarem um pouco mais em casa." (Marília Bossle)

Vivenciei também o período da pandemia como acadêmica e mãe e, por mais difícil que tenha sido passar por isso, a tecnologia e o ensino à distância, além do apoio de colegas e professores, me ajudaram muito a conciliar minhas duas principais funções, mesmo que não da forma que eu planejava. Alguns trechos do meu relato retratam bem a condição dicotômica da experiência do Ensino Remoto Emergencial devido à COVID-19:

"[...] não precisei perder nenhuma aula síncrona, pois organizamos nossas agendas de forma que as consultas e ecografias não caíssem nos mesmos dias, visto que não era todo professor que dava aulas síncronas." (Relato Autobiográfico)

"Uma das provas de Estatística II fiz durante o dia com a minha mãe embalando o carrinho para que o Bê continuasse a dormir. Eu tinha recém passado ele para o carrinho e sabia que teria uma boa hora, se minha mãe ficasse cantando e balançando, para fazer a prova, que tinha tempo para finalizar [...]" (Relato Autobiográfico)

"Outras duas provas precisei fazer com ele mamando: mais uma de estatística e uma de marketing. O Pablo ficava com ele o máximo que dava para eu me concentrar na prova, mas quando o bichinho acordava com fome, não tinha santo que fizesse ele parar de chorar se não fosse o mamá. Lembro também de uma prova de Administração Financeira II que era bastante extensa, tinha diversos cálculos que eu precisava de muita concentração e estudo prévio para fazer. A minha sorte é que o prazo para fazer a prova era de uma semana, então foi bem parcelado. Durante esse tempo, toda vez que eu conseguia fazer o Bê dormir, eu estudava um pouco, tentava fazer uma questão, pedia ajuda pros meus amigos que estavam conseguindo acompanhar as aulas. O mais marcante dessa prova especificamente foi quando eu fui revisá-la. Eram aproximadamente 2h da manhã, o Pablo estava dormindo na cama, ao meu lado, o Bê no carrinho, do outro e todas as luzes apagadas, só se via o brilho da tela do meu notebook. Eu só pensava "logo ele acorda e eu não vou nem ter conseguido descansar um pouco". Eu estava exausta. Mas, consegui passar nessa cadeira." (Relato Autobiográfico)

Apesar da exaustão, posso dizer com uma boa dose de certeza que eu não conseguiria dar conta se não fosse ensino à distância. Eu teria perdido muito tempo de deslocamento, sem contar com a falta de energia, a demanda constante do meu bebê e uma culpa enorme de o deixar. Sentimento de culpa este que se encontra na literatura porque é carregado também por outras mães (ASHIPALA; NATANAEL, 2022). Dessa forma, consegui amamentar de forma exclusiva o meu filho por seis meses, assim como o caso de Marília Bossle com seu primeiro bebê:

“[...] eu tinha combinado com a minha supervisora que eu ficaria em casa até os seis meses pelo menos, né, porque eu queria, fazia muita questão de amamentar. E aí eu consegui amamentar de forma exclusiva nos primeiros meses e eu não queria abrir mão disso, né? Então, assim, era no pós doc, era na Unisinos, então era lá em São Leopoldo, só para ir e voltar, naquela época, eu demoraria uma hora cada trecho, então seriam duas horas na estrada.” (Marília Bossle)

A capacidade de aproveitar as vantagens das tecnologias digitais não apenas aborda a questão da flexibilidade no ambiente acadêmico, mas também ressoa com uma transformação mais ampla na definição dos papéis de gênero e nas expectativas de como os pais se envolvem em sua carreira acadêmica e em suas responsabilidades familiares. Thomas, Talbot e Briggs (2021) ressaltam que a tecnologia pode não apenas proporcionar oportunidades para equilibrar os papéis de pais, estudantes e funcionários, mas também influenciar a forma como esses papéis são percebidos e vivenciados, uma vez que “nos dá a escolha de separar ou misturar nossos papéis, e garantir que essas escolhas sejam significativas seria um avanço na melhoria da experiência de definição de limites das mulheres” (THOMAS; TALBOT; BRIGGS, 2021, p.9).

Em contraponto ao lado menos desafiador do momento que vivemos, há o fato de que a pandemia afetou de forma desproporcional as condições de trabalho das mulheres acadêmicas, quando comparada a situação aos colegas homens. As mulheres estavam em maior proporção atarefadas com as rotinas no cuidado infantil e nos afazeres domésticos (THOMAS; TALBOT; BRIGGS, 2021; GUYOTTE et al., 2023).

Ainda segundo a pesquisa do Parent in Science, a disparidade de gênero na produtividade deve crescer após a pandemia, porém não há clareza quanto a se as mães serão mais afetadas ou se grupos com pouca representação na ciência, especialmente as mulheres negras, enfrentarão um impacto mais significativo decorrente das circunstâncias ligadas à pandemia (STANISÇUASKI *et al.*, 2021).

### 5.3 A CONCILIAÇÃO DA MATERNIDADE COM A VIDA ACADÊMICA

O período de licença maternidade é percebido comumente como insuficiente para atender às necessidades das mães acadêmicas e de seus bebês, conforme explicitado no meu relato e nas entrevistas feitas. Isso pode influenciar sua

capacidade de conciliar suas responsabilidades acadêmicas com os cuidados maternos, refletindo a necessidade de políticas mais abrangentes que reconheçam a complexidade dessa fase da vida e ofereçam um suporte mais adequado às mães que também são estudantes ou profissionais da academia (ASHIPALA; NATANAEL, 2022).

“[...] a gente tem, é claro, direito a licença maternidade, né? E no meu caso, por ser servidora, a gente tem 180 dias, o que já é muito melhor do que situações em instituições privadas, por exemplo, que é de quatro meses e não de seis meses a licença.” (Fernanda Reichert)

“Seis meses, claro, é nossa licença máxima no Brasil, mas é ainda a criança com seis meses, está recém começando a introdução alimentar, ela ainda tem aquela dependência muito forte ali da mãe, aquela ligação.” (Marília Bossle)

É recorrente o ponto que, sejam quatro ou seis meses, é insuficiente tanto para a mãe quanto para o bebê, pois o bebê ainda está em uma fase de alta dependência da mãe nesse período. A discussão sobre a introdução alimentar e a continuação do aleitamento materno é relevante, pois revela a complexidade das necessidades que surgem após o nascimento. Em pesquisa de Navarro-Cruz *et al.* (2023) há um relato de uma participante que dizia ter que planejar cuidadosamente seus compromissos devido à amamentação, considerando o tempo em que estaria ausente e enfrentando o desafio de conciliar tudo, o que por si só gerou estresse e isso a fez desistir da academia.

A ligação emocional entre mãe e bebê, a dependência do aleitamento e as adaptações físicas e emocionais que ocorrem durante os primeiros meses são questões sensíveis e que têm impacto na capacidade das mães acadêmicas de se dedicarem plenamente à sua pesquisa e atividades acadêmicas (BARROS; SABOIA; VIANA, 2023).

“[...] mudam prioridades, muda o ponto de vista, muda como eu olho o mundo, mas muda também as necessidades tanto físicas, que muitas vezes o nenê continua amamentando, por exemplo, e ela precisa desse período. A mãe precisa desse período para poder alimentar o seu filho. Mas também essas questões de ficar doente e mesmo o emocional da separação ali, de não estar mais 100% do tempo com aquele bebê.” (Fernanda Reichert)

Outro ponto importante sobre a licença maternidade é sua inclusão no Lattes, que reconhece as complexidades que as mulheres acadêmicas enfrentam ao

conciliar a maternidade com suas carreiras, fornecendo um espaço para contextualizar eventuais lacunas temporárias de produtividade. Tem também a adesão ao Capes e ao CNPq, por exemplo, além de já ser incluída em alguns editais de fomento.

“[...] muitos editais já incluem a maternidade nos seus editais de fomento, mudanças junto à Capes, mudanças junto ao CNPq, por exemplo. Um dos mais icônicos famosos aí é a inclusão do campo maternidade no Lattes, né? E editais, inclusive dessas agências, tanto a Capes como CNPq, também incluindo a maternidade. Nas instituições de ensino, então, na UFRGS, inclusive os concursos públicos, os concursos para professor, para docentes já incluem a maternidade nos editais. Muitos programas de pós-graduação já incluem a maternidade nos editais, a luta pelas bolsas de alunas, principalmente porque as servidoras têm a licença maternidade, mas as alunas têm... é muito dúvida a legislação, então, muitas vezes fica a cargo da interpretação do programa.” (Fernanda Reichert)

Recentemente, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) disponibilizou o preenchimento da licença maternidade no Currículo Lattes, para quem não conhece esse é um portal do Governo no qual pesquisadores dos mais distintos níveis (de Graduação à Pós-graduação) inserem suas informações pessoais, de formação, profissionais, além de envolvimento com projetos e pesquisas. A versão do Currículo Lattes com esta modificação está em funcionamento desde Abril de 2021. O CNPq ao realizar a inclusão no Currículo Lattes a fim de permitir o registro dos períodos de licença-maternidade, atende às demandas de representantes da comunidade científica e de instituições parceiras, sobretudo do Movimento *Parent in Science*, coordenado pela pesquisadora Fernanda STANISQUASKI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que havia protocolado solicitação junto ao CNPq. Esta inclusão no Lattes pode contribuir para a carreira das mães que atuam na ciência ao possibilitar que o período de licença também seja contemplado em processos de seleção e concursos (CNPQ..., 2021).

A experiência pessoal de Marília Bossle ressalta a evolução da legislação, permitindo que bolsistas também usufruam da licença maternidade. Isso ilustra como políticas em evolução estão começando a atender às necessidades específicas das mães acadêmicas, permitindo uma melhor conciliação entre a carreira acadêmica e a maternidade.

“[...] quando eu tive o Arthur, meu primeiro filho, eu estava no pós doc, então eu era bolsista e já tinha mudado a legislação bem

recentemente e eu pude ter a licença, porque até pouco tempo atrás, bem pouco tempo, as mães bolsistas não tinham licença” (Marília Bossle)

Marília também destaca desafios passados, como a falta de licença maternidade para bolsistas, que criou dilemas entre a continuidade da carreira acadêmica e o cuidado com os filhos, enfatizado no seguinte trecho de sua entrevista: “A mulher tinha que abrir mão da sua bolsa ou continuar com o seu mestrado, doutorado, pós doc para não perder a bolsa e continuar ali mesmo com filho pequeno”. Esses desafios históricos refletem as desigualdades de gênero profundamente enraizadas no meio acadêmico.

Além disso, a fala de Fernanda destaca a importância da equidade na avaliação das produções acadêmicas. Avaliadores são encorajados a considerar as interrupções temporárias causadas por situações como a licença maternidade, para evitar interpretações errôneas de falta de capacidade. É inegável que a produção da mãe acadêmica sofre em virtude das desigualdades identificadas (ASHIPALA; NATANAEL, 2022; STANISÇUASKI *et al.*, 2021). Por isso, a inclusão da licença maternidade no Lattes contribui para avaliações mais justas, levando em conta o contexto pessoal e profissional das mulheres acadêmicas.

“[...] quem está avaliando consegue olhar ‘ah tá, não é porque ela é incapaz que ela teve um buraco aí na produção dela, porque ela teve uma condição que ela não conseguiu ter a mesma produção que ela estava tendo até então.’ Mas ela é capaz. E agora ela está de novo submetendo o projeto, porque ela está querendo retomar justamente.” (Fernanda Reichert)

A falta de preparo institucional para acolher e apoiar as mães no retorno às atividades acadêmicas é um tema recorrente tanto nas entrevistas e no meu relato, como na literatura. A expectativa é que as instituições reconheçam a necessidade de adaptação para receber as mães de maneira sensível, considerando o impacto da maternidade na vida das mulheres. Navarro-Cruz *et al.* (2023) ressaltam, em sua pesquisa, a falta de recursos nas instituições de ensino superior para atender adequadamente às mães, além da dificuldade de acesso aos serviços já disponíveis. Além disso, como vimos em meu relato, existe um despreparo dos funcionários para dar essa ajuda às mães, nem que seja por meio de informações corretas.

“Quem está lá parado no trabalho esperando o retorno daquela mãe pensa ‘passou os seis meses, agora ela está de volta’. O restante do

ambiente institucional segue o mesmo e ela cai ali, mas ela não é mais a mesma, não é? E não tem uma preparação. Não existe. Olha, difícil uma instituição que está preparada para receber com outros olhos essa mãe que está retornando ao trabalho.” (Fernanda Reichert)

A gestão muitas vezes não reconhece a mudança que ocorre durante a licença maternidade, levando a um choque entre a expectativa do retorno e a realidade transformada das mães. A sensibilização dos líderes e colegas é fundamental para entender que o retorno não é apenas um recomeço, mas uma retomada com novos desafios.

“[...] muito da flexibilização, antes de mais nada, passa por essa conscientização, essa sensibilização de quem está na liderança, na gestão no momento, por exemplo, de entender, mas também do ambiente como um todo, dos colegas, de entenderem que ela [a mãe] está chegando numa situação diferente, muitas vezes mais sensível ou sensibilizada, e que às vezes precisa desse apoio.” (Fernanda Reichert)

A rigidez dos horários e a falta de flexibilidade das carreiras acadêmicas também são apontadas como obstáculos. As mães enfrentam dificuldades em equilibrar as responsabilidades do trabalho e da maternidade, especialmente quando os horários não são adaptados à realidade das mães. O retorno ao ambiente de trabalho muitas vezes é visto como um processo pesado, onde a sensação de não estar preparada para voltar às atividades é comum. A pressão da produtividade e a expectativa de continuar o trabalho como antes geram estresse e ansiedade para as mães. O retorno ao trabalho após a licença maternidade é um momento delicado (BAKER; FRENCH, 2017). A transição de cuidados maternos intensos para a rotina acadêmica é uma jornada emocionalmente complexa. Infelizmente, muitas vezes, as instituições não estão prontas para lidar com essa realidade, focando mais nas políticas de licença do que nas necessidades emocionais da mãe.

“A pessoa ficou seis meses fora, mudou completamente a vida dessa pessoa. Ela é outra pessoa de quando ela parou de trabalhar e entrou em licença que vinha num ritmo de produtividade, num ritmo de trabalho, numa cabeça voltada para determinados objetivos, ela volta uma pessoa completamente diferente.” (Fernanda Reichert)

“[...] o retorno para mim é sempre muito difícil. Então eu voltei bem aos poucos, eu até enfim já estava no processo de sair do pós doc e aí eu acabei ficando, mas com uma flexibilização assim de eu não ir todos os dias... eu ia e a gente combinava alguns dias da semana e eu trabalhei bastante de casa e isso foi muito importante para mim,

porque é muito complicado assim voltar. Sei que a realidade da maioria das mães, né, de ter que voltar ali nos quatro meses, às vezes nem isso, né? A gente pegar mães autônomas, elas voltam ali com a criança, às vezes algumas semanas, um mês, dois meses as mães já estão retornando.” (Marília Bossle)

Eu não me afastei da academia quando tive o Bê, mas, da mesma forma, essa fala da Fernanda Reichert define completamente como eu me senti voltando do hospital. Podem ter sido apenas dois dias, mas mudou completamente meu modo de ver o mundo, eu me sentia realmente outra pessoa. No entanto, algumas instituições oferecem apoio mais efetivo. Relatos positivos mencionam o acolhimento e a flexibilização proporcionados por determinadas instituições, permitindo que as mães se adaptem gradualmente ao ambiente de trabalho, como foi o caso da Marília.

“[...] no Instituto Federal eu fui muito acolhida. Então assim, lá no meu campus, no Campus Viamão, até hoje tem uma política muito e muito legal com os pais, principalmente de filhos pequenos. Então se tem uma flexibilização. Quando eu tinha algum problema, eu não conseguia ir, eu avisava a minha chefia imediata. Eu nunca tive problemas. Eu sempre fui muito acolhida nesse sentido.” (Marília Bossle)

A criação de políticas e práticas que considerem as necessidades das mães contribui para um retorno mais tranquilo e produtivo. Isso envolve não apenas políticas formais, mas também uma mudança cultural que compreenda a maternidade como um aspecto natural da vida das mulheres e ofereça o apoio necessário para conciliar essa experiência com as responsabilidades acadêmicas e profissionais. De acordo com Miguel (2022, p. 78) a maternidade possui um potencial significativo de contribuição para as empresas, visto que mães, de fato, demonstram um desenvolvimento mais rápido de competências conhecidas como habilidades interpessoais ou "soft skills", em comparação com indivíduos que não passaram pela experiência da maternidade. Esse fenômeno traz consigo uma série de benefícios tangíveis para as empresas, incluindo a melhoria da produtividade.

Outro ponto trazido nas entrevistas e que é de extrema importância é a relação da rede de apoio entre mães, como no caso da Fernanda Ramos:

“[...] uma coisa que ajudou bastante também no meu momento de gestante e recém mãe, foi porque a minha orientadora me ajudou muito nesse sentido, já que ela também é mãe de dois, então ela sabia mais ou menos o que eu estava passando”. (Fernanda Ramos)

“Mas isso realmente foi uma coisa que fez bastante diferença, a gente ter alguém para nos compreender, né? Porque uma coisa que a gente descobre na maternidade é que mães compreendem outras mães.” (Fernanda Ramos)

Eu tive duas experiências semelhantes que me fizeram sentir acolhida e me deram motivação para focar nos meus estudos. Duas professoras, uma mãe e outra não, porém ambas mulheres, me escutaram e ajudaram quando eu mais precisei, apenas por ouvir o que eu necessitava. Ter professoras que também são mães cria uma ponte única de entendimento, essa rede de relações onde questões acadêmicas e demandas maternas se entrelaçam (MISHRA, 2020). Essa mentoria não só oferece conselhos práticos, mas também solidifica um apoio emocional crucial para equilibrar esses aspectos de suas vidas.

“Algo que me marcou nesse semestre foi a professora Cláudia Simone Antonello da cadeira de Desenvolvimento de Pessoas. No início das aulas, ela disponibilizou um questionário para nos conhecer melhor e entender quais as preferências dos alunos, em questão de horários, dificuldades, ferramentas utilizadas em aula. E, no fim do questionário, ela deixou um campo aberto para comentários, dúvidas ou algo que estava faltando e precisava ser dito. Eu normalmente não escreveria nada, mas achei interessante comentar que eu tinha um bebê de quatro meses. Não esperava que a professora sequer lesse, muito menos me respondesse carinhosamente com um e-mail [...]” (Relato Autobiográfico)

“Inclusive, numa das cadeiras que eu estava cursando sem meus amigos, pedi para a professora Natália Marroni Borges, que também era mãe, para fazer os trabalhos em grupo sozinha. Primeiro ela disse que seria muito trabalho para uma pessoa só, mas daí expliquei que sempre faço tudo sozinha de qualquer jeito e que seria melhor por não ter que me incomodar com os colegas e ainda trabalhar em horários que ninguém mais trabalha, porque dependia de o meu filho estar dormindo (já que no horário da creche eu estava trabalhando). Acredito que, por ser mãe, ela me entendeu e pude fazer os trabalhos sozinha, o que me ajudou demais. Realmente foi bastante trabalho, mas eu já estava acostumada e consegui nota máxima nessa cadeira também.” (Relato Autobiográfico)

Por isso, o exercício de conhecer e reconhecer, neste sentido que se dá a relevância de pesquisas sobre a pauta, para que mais mulheres e homens entendam os caminhos percorridos pelas mães na academia e suas tentativas de conciliação com a vida familiar. Na conciliação entre a maternidade e a academia, surgem desafios que só quem vive essa dualidade consegue compreender. A análise das histórias compartilhadas por mães acadêmicas revela um fio condutor de resiliência, onde a criação de redes de apoio e a solidariedade entre colegas desempenham

papéis fundamentais (NAVARRO-CRUZ et al., 2023). Um dos pontos fortes dessa rede é a conexão proporcionada por grupos como o "*Parent in Science*", onde se levanta a discussão sobre a parentalidade na academia.

“[...] um dos propósitos do Parent in Science, onde muitas mães na academia encontram conforto em acompanhar o trabalho do Parent in Science, justamente no sentido de ver assim ‘Olha, não é só comigo, né?’.” (Fernanda Reichert)

Com isso, mães e pais acadêmicos também sentem-se menos sozinhos uma vez que dados das pesquisas feitas por esse movimento muitas vezes comprovam que o que eles estão passando não acontece apenas com eles. Dessa forma, compartilhar histórias reais cria um senso de comunidade, ajudando a combater o isolamento que muitas vezes acompanha a maternidade no ambiente acadêmico (NAVARRO-CRUZ et al., 2023). Ao dividir desafios, mães acadêmicas não só encontram alívio nas palavras de colegas, mas também validam suas próprias experiências. Essa rede de apoio, que transcende as barreiras acadêmicas, gera um suporte emocional e prático essencial para todas, porque, nas palavras de Fernanda Reichert, “as nossas histórias importam e a gente tem que compartilhar, porque elas podem estar sempre acalmando o coração de alguma mãe por aí”. A fala de Marília complementa:

“[...] quando a gente para pra compartilhar e conversar um pouco sobre as dificuldades, a gente vê que é um pouco aquela coisa que a gente escutava, né? Que mãe é tudo igual, só muda de endereço e os filhos também. Eles são muito parecidos. A gente tem as fases ali e eles tem...Claro que todos têm a sua particularidade.” (Marília Bossle)

Outro aspecto importante trazido pelas entrevistas foi que as redes de apoio não necessariamente são apenas família. Muitas vezes, inclusive, o maior apoio vem de amigos e colegas da academia, como observado por Pajalic et al. (2023), em sua pesquisa, onde um dos itens mais recorrente das entrevistas com as mães participantes foi que “um bom suporte entre colegas é essencial nesse processo” de conciliação da vida materna com a acadêmica.

Um assunto que apareceu em todos os relatos foi a preocupação central com a integração da maternidade no contexto acadêmico, indicando uma mudança de direção (ou vontade de mudança) na pesquisa motivada pela própria experiência como mães e pela percepção da lacuna existente na discussão acadêmica sobre o

tema. Essa mudança temática é impulsionada por um desejo profundo de explorar e compreender as complexidades da maternidade dentro do ambiente acadêmico, bem como as implicações mais amplas na sociedade. Podemos ver na pesquisa de Navarro-Cruz *et al.* (2023) que os estudantes que são pais costumam ser altamente motivados e que a principal fonte dessa motivação acaba sendo os próprios filhos.

Essa conexão emocional com o assunto é evidente, tanto no meu caso, que de fato troquei minha pesquisa para trazer esse tema para o público da academia, buscando um significado maior para esse trabalho, como no caso da Fernanda Reichert, cuja filha foi grande parte dessa motivação para troca de objeto de pesquisa, como percebemos nesse trecho de sua entrevista:

“[...] pensei ‘eu preciso pesquisar algo de significado maior’, sabe? Eu voltei com aquela sensação de que eu precisava conciliar melhor o significado do que eu estava pesquisando. Então, juntar a pesquisa com algo que fosse mais significativo para mim também. E tendo uma filha menina, uma das coisas que eu pensava muito é “em que mundo que ela vai cair?” Que mundo é esse? Como se constrói? Se põe uma gotinha lá no oceano na construção de um mundo melhor. Então, de que forma? Então, isso sim me levou a mudar meu tema de pesquisa. Não abandonar completamente os temas anteriores que eu vinha trabalhando.” (Fernanda Reichert)

O mesmo pode ser notado por Fernanda Ramos, que, apesar de não ter mudado o tema de sua tese, consegue passar o sentimento que eu tive, por exemplo, ao me deparar com a maternidade no meio acadêmico:

“Eu até pensei em trocar o tema da minha tese para pegar algum assunto que tenha a ver com a maternidade, sabe? Porque é algo que eu tenho sentido muito prazer em ler, estudar [...]. A gente fica doida. A gente quer ler tudo e é muito legal e tu não te importa com mais nada, porque afinal de contas, é a experiência que a gente tem, né? Através da leitura, através de outras mulheres. E é isso que a gente quer: dar o melhor para o nosso filho. Não é?” (Fernanda Ramos)

As entrevistadas compartilham a visão de que a maternidade é uma área de investigação crucial e sub-representada que merece ser explorada e discutida em profundidade dentro do ambiente acadêmico. Esse movimento de reposicionamento temático reflete o compromisso em dar voz a questões femininas e maternas e em promover um diálogo mais amplo sobre esses temas na esfera acadêmica. Segundo Thomas, Talbot e Briggs (2021), o compartilhamento de experiências e frustrações da conciliação da maternidade com o trabalho, impulsionada pela tecnologia, dá

confiança às novas mães e gera uma identificação por meio de uma comunidade de apoio.

Ao compartilhar as experiências e dificuldades enfrentadas pelas mães nesse âmbito, outras vozes e opiniões são ouvidas e essas vivências são conhecidas e, talvez, compreendidas por pessoas que não teriam nenhum conhecimento sobre o assunto, caso ele não viesse à tona nessas pesquisas.

“[...] o que eu penso que talvez possa ser positivo é trazer esse tema, sabe, para dentro da academia. Por que a gente não fala tanto sobre isso. Eu acho que essa questão de problemas que são só das mulheres, não que um filho seja um problema, porque não é, mas assim, essas questões que têm a ver não são muito comentadas e a gente não percebe que não são. Até que acontece com a gente, né?”  
(Fernanda Ramos)

Foi desse compartilhamento que surgem movimentos importantes como o Parent in Science, que, segundo o site do projeto, “surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a parentalidade dentro do universo da academia e da ciência” (PARENT IN SCIENCE, 2023) e ainda visam “preencher um vazio, de dados e de conhecimento, sobre uma questão fundamental: o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens” (PARENT IN SCIENCE, 2023).

De acordo com a Fernanda Reichert, foi em uma palestra de Fernanda Stanisçuaski, coordenadora do projeto, que ela - e quase toda a plateia - percebeu que os “perrengues” da maternidade não eram exclusivos dela e que, ao compartilhar isso, além de formar uma rede de apoio e aliviar muitas culpas maternas, abria possibilidades de uma visão maior sobre o assunto e como a coleta de dados seria importante para mostrar o que falta de políticas públicas para apoio às mães, uma oportunidade para abordar questões relevantes que afetam as mulheres na academia e na sociedade em geral.

“[...] essa construção de dados e [...] essa constante tentativa de mostrar “Olha, é isso aqui o que acontece”, é a gente ter essa informação para realmente comprovar que realmente há um desequilíbrio, há uma desigualdade e que as coisas precisam mudar.” (Fernanda Reichert)

Tanto para mim, como exponho no meu relato autobiográfico, quanto para as entrevistadas, apenas a maternidade em si deixou em evidência a lacuna que há nas pesquisas e nas políticas públicas atualmente, e, por isso, é tão importante que esse

assunto seja explorado, pois, se não as mães, quem vai poder falar sobre o tema? Os autores Navarro-Cruz *et al.* (2023) e Sidelil, Spark e Cuthbert (2023), como visto anteriormente, ressaltam essa falta de apoio institucional por não terem infraestrutura e serviços necessários, o que acaba prejudicando os estudantes pais resultando em queda de produção, participação ou até abandono da faculdade.

Segundo Noll *et al.* (2017), em uma pesquisa feita em nome do Instituto de Pesquisa em Políticas para Mulheres nos EUA, a probabilidade de estudantes abandonarem os estudos para cuidar dos filhos é relatada por 43% das mulheres e 37% dos homens. No Brasil, existe a Lei 6.202 que permite a mãe, a partir do oitavo mês de gestação, cumprir um regime domiciliar por três meses, desde que indicado por meio de atestado médico (BRASIL, 2023).

Porém, isso por si só não é suficiente para manter as gestantes estudando visto que as universidades frequentemente carecem de políticas públicas bem definidas para lidar com essa situação, transferindo a responsabilidade de negociar acordos com as alunas para os professores. De acordo com pesquisas realizadas por Mamabolo *et al.* (2009) e Taukeni (2014) mães têm uma maior probabilidade de abandonar seus estudos, uma vez que não conseguem equilibrar seus papéis duplos [da maternidade e academia]. Além disso, sabe-se que as responsabilidades da mulher ultrapassam as dos homens e a falta de uma licença paternidade maior perpetua essa disparidade.

“[...] hoje eu realmente vejo que estamos muito atrasados aqui em termos de políticas públicas. A gente sabe que tem outros países em que a licença maternidade é muito maior e por um período muito mais longo e que os pais também podem tirar, porque o bebê afinal de contas é dos dois. E é importante que a criança tenha um vínculo bom tanto com o pai, tanto com a mãe, para também não acontecer a sobrecarga materna, né? Porque a gente acaba se cobrando muito porque a sociedade quer que tu trabalhe, que tu faça tuas coisas como se não tivesse um filho. Mas tu tem que cuidar desse filho, como se você não fizesse mais nada, né? Então não tem como medir.” (Fernanda Ramos)

“[...] a maternidade tem que ser mais normalizada e tem que ser mais compartilhada também, né? A gente vê que os homens têm responsabilidade. Por isso também o movimento Parent in Science ele também tem uma luta por uma licença paternidade mais longa, porque os pais ali têm ou cinco dias ou 20 dias de licença paternidade. Isso não é nada. Então, assim, não consegue desenvolver aquela... responsabilidade compartilhada, porque tem que voltar ali também, né?” (Marília Bossle)

“E tu via ali [na Dinamarca] as mulheres e os homens se dividindo. ‘Não é preciso sair mais cedo, eu não posso esse horário que eu

tenho que buscar meu filho'. Então era uma coisa mais leve, mais natural, diferente daqui que acho que as pessoas têm que... é chato falar, né? 'Eu não posso porque eu tenho que levar meu filho na escola. Eu não posso porque eu tenho que levar meu filho no médico'. Então assim, né? 'Que é isso, teu filho? Teu trabalho não é importante?'" (Marília Bossle)

A luta por igualdade entre homens e mulheres não é de hoje, sabemos que volta a séculos atrás, mas mostrar que os pais precisam ser tão presentes quanto as mães, pelos mais diversos motivos, é um pouco mais recente. Até pouco tempo atrás a mulher era vista exclusivamente como dona de casa, onde suas responsabilidades maiores eram cuidar dos filhos e cumprir todas as tarefas referentes ao domicílio. Nos dias atuais, o papel social de cuidadora principal de seus filhos ainda é imposto ao gênero feminino, independente de sua formação educacional, status profissional e responsabilidades (SIDELIL, SPARK, CUTHBERT, 2023). Por isso, Marília, em sua entrevista, discorre sobre a terminologia utilizada: "O Parent in Science até usa o termo em inglês *"parent"*, pensando nas mães e pais na ciência, embora a gente veja nas pesquisas que o impacto ainda é muito mais na mulher, né?".

Em relação às falas das entrevistadas, citadas anteriormente, ambas evidenciam a necessidade de revisão e ampliação das políticas de licença paternidade, a fim de promover uma distribuição equitativa das responsabilidades parentais e contribuir para um ambiente mais favorável à conciliação entre vida profissional e familiar. Essa discrepância apenas acentua o *"gap"* de disparidade entre mulheres e homens no âmbito acadêmico, como explica Marília e Fernanda Reichert:

"[...] esse movimento [Parent in Science], veio para estudar justamente esse impacto da maternidade na carreira científica e acadêmica das mães e dos pais, na ciência e na sua carreira. Porque se viu e tem estudos que mostram que tem um gap. Quando a gente engravida, tem um filho, tu fica um tempo, não só aquele período da licença maternidade, mas leva um tempo até conseguir retomar os seus projetos e com isso, muitas vezes tudo acaba perdendo a sua competitividade no meio acadêmico." (Marília Bossle)

"[...] homens e mulheres vem em uma curva muito parecida de produção. Produção aqui é artigo publicado. Então, numa curva muito parecida de produção. E aí, no momento que a mulher tem o bebê, momento zero, ela leva quatro anos para esse gráfico retomar a produção que ela tinha antes de ganhar o bebê. Se ela vai tendo mais filhos nesse período, se estende mais ainda. Então, há realmente um impacto muito forte. Por quê? Porque muitas vezes assim, tu parou ali a pesquisa até retomar. Começa de novo. Começam novos orientandos... Tu reinicia uma pesquisa. Muitas

vezes, e isso também em survey a gente identificou que acontece, elas naquele momento, não estão com cabeça. Aquele foco no bebê e estão de licença e nem tem que estar com a cabeça na pesquisa mesmo e acabam perdendo muitas vezes prazos para concorrer a editais. E aí? Não consegue... Então não consegue iniciar uma nova pesquisa e aí não iniciando uma nova pesquisa, não conseguem publicar e não publicando no próximo edital, na análise de currículo, vão dizer nossa pessoa não está pesquisando como os pares dela, os pares, os homens que não pararam, que seguiram a sua curva na grande maioria. Então acaba sendo assim muito demorado esse retorno dos níveis de publicação a partir do nascimento, filho. Para mim foi quatro anos. Exatos. Para eu voltar a publicar mais.” (Fernanda Reicher)

Essa diferença de competitividade também é mostrada por Sidelil, Spark e Cuthbert (2023) na análise de resultados das entrevistas feita com mães no cenário acadêmico:

“Tais avaliações feitas por mulheres acadêmicas ilustram a vantagem comparativa dos homens como acadêmicos. Elas lançam luz sobre o privilégio que os homens desfrutam por meio da estrutura de gênero poderosa, ou como Connell (2009) apropriadamente o denomina, o "dividendo do patriarcado", que lhes proporciona oportunidades não apenas para equilibrar o trabalho e a vida pessoal, mas também uma plataforma na qual prosperar em suas carreiras”. (SIDELIL, SPARK, CUTHBERT, 2023, p.7)

Ainda dentro da fala de Fernanda Reichert, outra dificuldade enfrentada pelas mães na academia é o estado mental em que elas se encontram, principalmente no puerpério. Por meio do meu relato e da fala de cada uma das entrevistadas, é perceptível que o cérebro da mãe não consegue voltar tão rapidamente à sua vida acadêmica. Neste sentido, cabe expor novamente minha percepção como mãe, eu inclusive acredito que ainda não voltou ao normal, nem sei se isso irá acontecer, afinal, sabe-se que este é um dos maiores obstáculos enfrentados na maternidade, a volta ao trabalho ou estudos. Por este motivo, as redes de apoio são de extrema importância.

“A realidade começou a bater quando eu recebi uma mensagem de uma amiga, não para me parabenizar, mas para lembrar que tinha um trabalho para entregar até o dia presente. Minha cabeça estava a mil. Eu, obviamente, não havia pensado na faculdade até aquele ponto e não estava pensando direito quando fiquei preocupada sobre perder o prazo. Nem pensei em explicar para o professor o que havia ocorrido (um parto, no caso) e, enquanto o meu filho dormia, mamando, no meu colo, fiz um trabalho, de qualquer jeito, e enviei. Sinceramente, depois disso é até um pouco difícil lembrar de tudo que me aconteceu, tanto na vida pessoal, quanto na acadêmica, pois os dias eram iguais para mim. A única distinção entre o dia e a noite era a luz do sol. Afora isso, minha rotina era dar mamã, fazer ele dormir, tentar passar ele para o carrinho (porque ele só dormia no colo. Toda vez que eu tentava passar para a cama, sofá, carrinho,

berço, qualquer lugar que não meu colo - inclusive não aceitava muito outros colos - ele acordava) e tentar fazer algo que eu precisasse, normalmente, pegar água, algo para comer ou ir ao banheiro. Perdi a conta de quantas vezes eu tive que ir ao banheiro com ele no colo. Se eu deixava ele sozinho no carrinho, mesmo ele estando do meu lado, ele chorava. O puerpério foi um momento muito difícil mesmo, adicionando um semestre em andamento, ficou ainda pior. Eu estava exausta, não conseguia dormir, me sentia inútil, burra. Eu servia apenas como fonte de leite para o meu filho”. (Relato Autobiográfico)

A dificuldade de concentração é nítida neste recontar da minha história, enquanto escrevia sobre a minha experiência pude perceber esta dificuldade em tudo que não seja relacionado a dar atenção ao Bê. A sensação é de que é um período muito curto, em que a mãe está se descobrindo como mãe e, ao mesmo tempo, conhecendo um novo ser, esse bebêzinho, que ela nunca tinha encontrado antes e, de repente, depende dela para sobreviver. Essa multiplicidade de emoções e pensamentos tornam os trabalhos acadêmicos uma carga adicional exaustiva para conciliar. A dificuldade de raciocínio lógico foi outra questão complicada logo após o nascimento, no relato retrato a vez que o apoio de um professor poderia ter sido um alívio para o cansaço, o adiamento de uma data de entrega. Talvez se eu tivesse explicado de fato que havia acabado de ter um bebê, poderia ter sido diferente. São muitas preocupações passando pela cabeça, porém não é só psicológico, também é hormonal, como na seguinte fala da Fernanda Ramos:

“E sem contar da exaustão física, tem uma exaustão mental, porque a gente passa por nove meses de gestação e aí depois a gente passa pelo puerpério, que é muito difícil, né? A gente acaba pensando assim... Talvez quando a gente fale para as pessoas “ah, é difícil, porque o bebê demanda muito”. Sim, mas as demandas do bebê não são tão complicadas como todo aquele processo mental que a gente passa, porque é uma carga hormonal muito alta. Então tem dias assim que tu levanta porque tem que levantar, porque né? É muito difícil lidar com tudo isso, mas passa.” (Fernanda Ramos)

Por isso, eu também passei por um momento difícil de definição com a minha licença. No estágio era “não existente”, estagiárias não têm direito nenhum quando engravida. Porém, na faculdade, a aluna gestante tem direito a 120 dias, prorrogáveis por mais 60 dias, a partir do oitavo mês de gestação, ou após o nascimento do bebê. Como eu conto no meu relato, eu estava ciente disso, porém ainda estava preocupada com o tempo de finalização do curso, visto que isso implicava na perda de uma possível láurea. Mais uma vez, eu como gestante não

tinha noção dos desafios que viriam pela frente, então, queria ter certeza que eu ainda estaria apta à láurea.

“[...] falei com a COMGRAD para garantir que eu não perderia minha láurea por causa desse afastamento. Mas, naquele momento, a resposta que eu recebi da COMGRAD me fez entender que não existia garantia que, se eu tirasse minha licença, ainda conseguiria a láurea. Hoje, depois de mais de um ano dessa troca de e-mails, penso que posso ter interpretado errado, mas o e-mail estava dúbio e impreciso. De qualquer forma, naquele momento escolhi não arriscar perder a láurea, nem o apoio dos meus colegas, e abri mão da minha licença maternidade na academia.” (Relato Autobiográfico)

A mente realmente parece que funciona diferente para cada momento da maternidade e tive dificuldade de compreender o que me era falado, porém em nenhum momento tive apoio ou até explicações de como me portar perante minha dúvida. Não apenas a mãe de primeira viagem, mas também as instituições de ensino, não estão preparadas para lidar com a situação (ZHANG, 2021).

Além disso, minha jornada acadêmica como mãe não foi linear, como eu gostaria e havia planejado, o mesmo padrão se apresenta na fala das entrevistadas, como por exemplo:

“Eu desisti também de apresentar um artigo no EnAnpad ano passado, porque a Luísa recém tinha nascido e eu não ia conseguir, né? Então a gente às vezes pensa que consegue, que tu vai, faz, mas, é difícil. A gente não consegue fazer muitas coisas além de viver aquele bebezinho, pelo menos no primeiro mês, segundo mês, terceiro mês, quarto mês.” (Fernanda Ramos)

“[...] a questão do tempo que a gente tem para se dedicar a pesquisa é algo que nos falta muito, porque assim, para se fazer uma pesquisa, para ter, para ler um artigo, para tu desenvolver uma ideia, não é assim tipo sentar uma horinha agora, daqui a pouco mais uma hora, daí mais meia hora. Tu não consegue fazer isso num tempo muito quebrado. Então, acho que isso a gente perde muito, né? Porque a gente não tem aquele tempo... já não tem na carreira, na carreira como profissional, já não tem o mesmo tempo do que na carreira como estudante, porque a gente tem uma série de outras atribuições e com a maternidade ainda tu não tem aquele tempo que tu poderia usar de noite ou de manhã, enfim, aquele período em que a gente trabalhava... que a gente trabalha como acadêmico, naqueles horários, meio fora do padrão. A gente não tem, né? Porque a gente precisa chegar em casa, a gente tem toda a função com as crianças, a gente fica cansado também, né? Porque é uma função que cansa bastante. Então é muito mais de ter aquele tempo mais amplo para sentar, conseguir te concentrar e conseguir fazer a produção.” (Marília Bossle)

Neste sentido é importante ressaltar, assim como aponta Pajalic *et al.* (2023), que um dos desafios está muitas vezes nos prazos de entrega e na falta de flexibilidade sobre as atividades, a “necessidade de preparação mental antes de iniciar a pesquisa” e a falta de tempo para isso. As constantes interrupções, além do fato de que as mulheres “não estão com cabeça”, como dito por Fernanda Reichert, fazem com que a rotina da academia acabe ficando muito pesada para o retorno da mãe.

Apesar de inúmeros desafios, a maternidade parece também ter nos impulsionado a superar desafios e alcançar metas significativas em nossas carreiras acadêmicas. Há uma sensação de surpresa ao olhar para trás e perceber quanto conseguimos realizar enquanto estavam grávidas ou cuidando de seus filhos. Durante minha gestação, meu parto e meu puerpério, consegui seguir minha graduação e, agora, com um filho pequeno, espero me formar. A Fernanda Reichert concluiu o doutorado e foi empossada durante a gravidez e o puerpério. Já Marília estava acabando o doutorado e já havia sido selecionada no pós-doutorado enquanto grávida, além de estar em uma posição administrativa como Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa. Fernanda Ramos defendeu a dissertação do mestrado e entrou no doutorado gestante, passando em mais de um programa, além de ter completado todos os créditos do doutorado.

Além disso, a maternidade parece ter proporcionado uma nova perspectiva sobre o equilíbrio entre vida profissional e pessoal. As acadêmicas discutem como a maternidade as ensinou a equilibrar diferentes aspectos de suas vidas, incluindo saúde, cuidado e tempo com a família.

“[...] a gente sabe que o trabalho acadêmico ele é um trabalho que suga muita energia. Então, a maternidade conseguiu me mostrar como equilibrar melhor esses diferentes aspectos da vida, de saúde, de cuidado, de estar entre família, né?” (Fernanda Reichert)

Elas exploram a ideia de repensar as pressões por produtividade no ambiente acadêmico, mostrando como a maternidade as levou a questionar e buscar mudanças nesses padrões.

“[...] essa pressão por produtividade, porque quem trabalha na parte da pesquisa especialmente, tem essa pressão por produzir, produzir, produzir. Então, inclusive me levou [...] a repensar “pô, tá certo isso, não tá?” Como é que a gente pode fazer para tentar conquistar algumas mudanças nessa pressão por produtividade? São coisas que, se não fossem, a maternidade não teria parado para pensar. Ou eu não teria me aproximado dessas discussões se não fosse a maternidade. (Fernanda Reichert)

As entrevistadas enfatizam como a maternidade as ensinou a ter empatia e responsabilidade, contribuindo para sua organização e concentração no trabalho. Isso pode ser observado no resultado das pesquisas de Miguel (2022) que ressalta a importância do desenvolvimento de políticas e programas que preparem tanto a gestão quanto os colegas à receber as mães e “aproveitar as competências que são reforçadas com a chegada da maternidade como: empatia, gestão de múltiplas tarefas, responsabilidade e resiliência” (MIGUEL, 2022, p. 79). Além disso, nós mães expressamos a gratificação de criar e desenvolver uma vida, reconhecendo o impacto positivo e transformador que a maternidade teve em nossas vidas pessoais e acadêmicas, como bem apresentado nesta fala de Marília:

“essa questão toda né de tu ter essa empatia, de ter essa responsabilidade, isso ao mesmo tempo, também ajuda e ajuda a gente a se organizar, se concentrar no momento que a gente tá ali para ir para o trabalho, a gente precisa ter essa concentração e tentar ter essa empatia com os outros, né?” (Marília Bossle)

O Quadro 4 resume, nas principais frases dos resultados, as discussões acerca do tema estudado.

Quadro 4 - Resumo das discussões

	Vivência Materna	Experiência e Desafios da Maternidade	A conciliação da maternidade com a vida acadêmica
Fernanda Ramos	"Então, acho que a maternidade ela tem muito a ver com doação. É uma coisa que a partir do momento que tu tá carregando aquele bebê, tem uma série de mudanças, né?"	"Tem algumas dificuldades de a gente fazer coisas sendo mãe, porque a vida muda muito. A gente acaba abrindo mão da vida, pelo menos por esse período, eu acho. Acho que depois vai melhorando um pouco, né, muri?. Acho que vai, né? Mas ainda assim, até para mim, às vezes é difícil ficar longe dela, sabe? Tentar sentar e “não, hoje eu vou fazer isso”, porque daí eu ouço a Luísa chorar, assim. Eu tenho que ir lá. E mesmo que sei lá, seja porque um brinquedo caiu no chão, ela ficou chateada com isso. Mas dá uma coisa assim, sabe? que tem que ir lá e ver o que está acontecendo. Mesmo que ela fique só com o meu marido ou com a minha mãe, né? Igual a gente está sempre por perto."	"[...] uma coisa que ajudou bastante também no meu momento de gestante e recém mãe, foi porque a minha orientadora me ajudou muito nesse sentido, já que ela também é mãe de dois, então ela sabia mais ou menos o que eu estava passando".

Fernanda Reichert	<p>"A minha experiência foi bem positiva, mas muitas não têm essa experiência positiva, de relatos assim do tipo 'tá e o que vai fazer com isso aí?', apontando para barriga. Então, são coisas realmente pesadas, fortes e que justamente por não ser só comigo é que a gente precisa dessas redes de apoio e de mostrar que as mães não estão sozinhas, né?"</p>	<p>"A minha experiência foi bem positiva, mas muitas não têm essa experiência positiva, de relatos assim do tipo "tá e o que vai fazer com isso aí?", apontando para barriga. Então, são coisas realmente pesadas, fortes e que justamente por não ser só comigo é que a gente precisa dessas redes de apoio e de mostrar que as mães não estão sozinhas, né?"</p>	<p>"[...] mudam prioridades, muda o ponto de vista, muda como eu olho o mundo, mas muda também as necessidades tanto físicas, que muitas vezes o nenê continua amamentando, por exemplo, e ela precisa desse período. A mãe precisa desse período para poder alimentar o seu filho. Mas também essas questões de ficar doente e mesmo o emocional da separação ali, de não estar mais 100% do tempo com aquele bebê."</p>
Marília Bossle	<p>"Eu já escutei algumas vezes de "como é que tu dá conta de tudo, como é que tu consegue fazer?'. Eu não dou conta de tudo, eu não consigo fazer. A gente faz o que dá, a gente vai fazendo. Mas não é uma questão de dar conta de tudo isso. São questões que são feitas majoritariamente para mulheres. O homem, numa entrevista de emprego ou entrevista de mestrado, doutorado, raramente vai ser perguntado "ah, você pretende ter filhos? Quem vai cuidar dos seus filhos enquanto você estuda?" E isso raramente acontece. Agora, com as mulheres, praticamente todas nós temos histórias assim."</p>	<p>"[...] eu tinha combinado com a minha supervisora que eu ficaria em casa até os seis meses pelo menos, né, porque eu queria, fazia muita questão de amamentar. E aí eu consegui amamentar de forma exclusiva nos primeiros meses e eu não queria abrir mão disso, né? Então, assim, era no pós doc, era na Unisinos, então era lá em São Leopoldo, só para ir e voltar, naquela época, eu demoraria uma hora cada trecho, então seriam duas horas na estrada." (Marília Bossle)</p>	<p>"[...] o retorno para mim é sempre muito difícil. Então eu voltei bem aos poucos, eu até enfim já estava no processo de sair do pós doc e aí eu acabei ficando, mas com uma flexibilização assim de eu não ir todos os dias... eu ia e a gente combinava alguns dias da semana e eu trabalhei bastante de casa e isso foi muito importante para mim, porque é muito complicado assim voltar. Sei que a realidade da maioria das mães, né, de ter que voltar ali nos quatro meses, às vezes nem isso, né? A gente pegar mães autônomas, elas voltam ali com a criança, às vezes algumas semanas, um mês, dois meses as mães já estão retornando."</p>
Muriell Custódio	<p>"[...] depois que o Bê nasceu, minha prioridade virou absolutamente ele e é difícil dar a mesma importância para muita coisa depois disso. "</p>	<p>"Uma das provas de Estatística II fiz durante o dia com a minha mãe embalando o carrinho para que o Bê continuasse a dormir. Eu tinha recém passado ele para o carrinho e sabia que teria uma boa hora, se minha mãe ficasse cantando e balançando, para fazer a prova, que tinha tempo para finalizar [...]"</p>	<p>"Algo que me marcou nesse semestre foi a professora Cláudia Simone Antonello da cadeira de Desenvolvimento de Pessoas. No início das aulas, ela disponibilizou um questionário para nos conhecer melhor e entender quais as preferências dos alunos, em questão de horários, dificuldades, ferramentas utilizadas em aula. E, no fim do questionário, ela deixou um campo aberto para comentários, dúvidas ou algo que estava faltando e precisava ser dito. Eu normalmente não escreveria nada, mas achei interessante comentar que eu tinha um bebê de quatro meses. Não esperava que a professora sequer lesse, muito menos me respondesse carinhosamente com um e-mail [...]"</p>

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi investigar a conciliação da maternidade e vida acadêmica na Escola de Administração da UFRGS. A estratégia de pesquisa adotada foi a partir do uso do método de relato autobiográfico e coleta de dados secundários. Este estudo percorreu um caminho de investigação profundo e diversificado sobre a interseção entre a maternidade e a vida acadêmica, mais especificamente na administração. Por meio do meu relato autobiográfico e de análise de entrevistas com mães acadêmicas são apresentados desafios, estratégias adotadas e o impacto dessa vivência na trajetória acadêmica das mulheres, encontrando muitas vezes semelhanças em cada história.

A abordagem autobiográfica possibilitou a ressignificação do eu/sujeito, enriquecendo de maneira significativa as análises de resultado deste estudo. Através da autobiografia, tornou evidente a estreita conexão entre a minha história de vida e o tema pesquisado. A incorporação do método autobiográfico desempenha um papel relevante das pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, e sua aplicação no presente trabalho possibilitou trazer detalhamentos que expuseram o meu maternar de forma livre e crua, na tentativa de levar para uma leitura mais perto da minha vivência, a fim de que, com o meu relato, poder contribuir com a vida das próximas mães estudantes da Escola de Administração da UFRGS.

As narrativas revelaram que a maternidade é uma jornada repleta de dificuldades e mudanças significativas. A vida acadêmica, que já é repleta de desafios, torna-se ainda mais complexa quando combinada com as responsabilidades da maternidade. Nossos relatos mostram uma realidade de maternar e enfrentar dificuldades em equilibrar as demandas da vida acadêmica com as necessidades e cuidados dos filhos.

O cargo de “mãe”, por si só, envolve descobertas além da compreensão de quem não passa por essa experiência. Quando somada com a carga não visível das horas de trabalhos acadêmicos fora da sala de aula, por exemplo, leva às duas principais facetas da mulher à brigar por espaço entre prioridades, deixando todas as outras partes de fora, excluindo em primeiro lugar, períodos de lazer e, muitas vezes, a essência da mulher.

Essas dificuldades estão longe de terem sido vivenciadas de forma passiva. As mulheres acadêmicas se mostraram resilientes e estrategistas, buscando

maneiras de conciliar suas múltiplas responsabilidades. Estratégias como flexibilidade de horários, redes de apoio, adaptação de rotinas e a busca por um equilíbrio pessoal e profissional emergiram como formas de enfrentar os desafios impostos pela maternidade na academia.

A análise também revelou a necessidade de políticas institucionais mais inclusivas, sensíveis às questões de gênero e maternidade. Portanto, é crucial que as instituições de ensino superior reconheçam a maternidade como uma realidade complexa que afeta a vida acadêmica das mulheres. A inclusão de licenças maternidade e paternidade no currículo Lattes, bem como a consideração desses períodos para a avaliação de produtividade, são passos importantes para criar um ambiente mais equitativo para as mães acadêmicas, porém não únicos.

Com isto, a pesquisa atende aos objetivos específicos propostos ao descrever a vivência, detalhar os desafios e identificar a conciliação da maternidade na trajetória acadêmica. A reflexão sobre a experiência da maternidade nas trajetórias acadêmicas é uma chamada à ação para uma mudança cultural e estrutural nas instituições de ensino superior.

A compreensão das complexidades enfrentadas por mulheres, mães acadêmicas, é um ponto de partida para o desenvolvimento de políticas mais inclusivas e apoio efetivo. É fundamental reconhecer que a maternidade não deve ser vista como um obstáculo para o sucesso acadêmico, mas sim como uma dimensão que contribui para a diversidade e enriquecimento do ambiente acadêmico. Portanto, a ação de compreender e identificar essas histórias ganha maior significado, ressaltando a importância das investigações relacionadas à maternidade. Isso visa proporcionar a uma maior quantidade de mulheres e homens uma compreensão mais profunda das trajetórias das mães na esfera acadêmica, bem como de seus esforços para equilibrar as demandas familiares.

Este estudo reforça a urgência de um diálogo contínuo e a implementação de medidas concretas para apoiar as mães acadêmicas. A igualdade de gênero na academia não pode ser alcançada sem considerar as complexas realidades da maternidade. A conscientização sobre essas questões é o primeiro passo em direção a um ambiente acadêmico mais inclusivo, que reconhece e valoriza plenamente as contribuições das mulheres em todas as fases de suas carreiras.

Desta forma, pode-se concluir que as categorias identificadas na literatura e investigadas foram plenamente discutidas, conseqüentemente os objetivos

específicos atingidos. São muitas histórias de diversas vivências semelhantes de milhares de mães acadêmicas, porém, cada uma tem suas individualidades, suas singularidades, que não puderam ser trazidas aqui nesse trabalho, por isso, ainda há muito espaço para escutar muitas mães de lugares diferentes com as mais diferentes realidades e trazer essas contribuições para futuras mães acadêmicas terem uma maternidade mais leve.

Esse trabalho, portanto, traz apenas uma gota no oceano de pesquisas relacionadas às inúmeras formas de maternar existentes dentro da academia. Reforço a importância desse tema para as instituições de ensino superior e a sociedade acadêmica como um todo e, dessa forma, enfatizo a necessidade de continuidade de pesquisas referentes ao assunto.

É importante ressaltar que este estudo possui algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar os resultados. A escolha do método de História de Vida, embora tenha proporcionado percepções ricas e detalhadas sobre a conciliação entre maternidade e vida acadêmica, não permite generalizar os dados para todas as mães acadêmicas. Além disso, os dados foram coletados no contexto do podcast, e embora o protocolo de pesquisa tenha coincidido com o tema deste trabalho, essa característica pode influenciar a representatividade da amostra. Para abordar essas limitações, futuras pesquisas podem optar por realizar questionários com uma amostra mais ampla de mães da UFRGS ou na Administração, para identificar demandas específicas e padrões mais abrangentes. Além disso, investigações futuras poderiam buscar juntamente com as secretarias e outros atores institucionais para identificar medidas e práticas que possam ser adotadas para melhorar o suporte às mães universitárias e facilitar a conciliação entre maternidade e vida acadêmica.

Além disso, como há uma gama tão extensa de nós para desenrolar na maternidade, proponho um aprofundamento em temas como políticas institucionais mais inclusivas, pesquisas que considerem a perspectiva dos pais, incluindo a inclusão de uma licença paternidade para bolsistas CAPES, por exemplo, foco em contextos não ocidentais, experiências de mães pertencentes a grupos minoritários e a urgência de abordar questões estruturais que contribuem para a desigualdade de gênero na academia.

Por fim, com o intuito de dar visibilidade e manifestar apoio às sugestões propostas pelo *Parent in Science*, deixo abaixo o Quadro 5 com ações sugeridas no

Guia de “Como Instituições Podem Apoiar as Mães Estudantes” produzido pelo movimento em parceria com o Coletivo Mães na UFRGS.

Quadro 5 - Medidas de Apoio à Maternidade na Vida Acadêmica

<b>Área de Suporte</b>	<b>Ações sugeridas</b>
Infraestrutura e Cuidado Infantil	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação e manutenção de creches universitárias.</li> <li>- Oferecimento de contraturno escolar.</li> <li>- Oferecimento de moradia estudantil com condições para crianças.</li> <li>- Garantia de acesso e alimentação de dependentes nos restaurantes universitários</li> </ul>
Apoio Financeiro e Bolsas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oferecimento de auxílio creche com valor adequado.</li> <li>- Criação e/ou ampliação dos programas de permanência para mães.</li> <li>- Oferecimento de bolsas e auxílios com valor adequado.</li> <li>- Garantia de licença maternidade na graduação e pós-graduação, em regimento, especificando os protocolos para solicitação e implementação.</li> </ul>
Facilitação de Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adoção de protocolo simplificado para cadastro de dependentes.</li> <li>- Oferecimento de orientação acadêmica, garantindo que mães tenham informações claras sobre suas possibilidades e direitos dentro da universidade.</li> </ul>
Conscientização e Treinamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Treinamento de docentes e demais profissionais da instituição para identificação e combate a preconceitos e discriminações contra estudantes mães.</li> <li>- Implementação de políticas que visem o combate à cultura de assédio e violência de gênero, garantindo um ambiente seguro.</li> <li>- Criação de canais e mecanismos efetivos de denúncia e acompanhamento de situações de assédio, discriminação e preconceito, incluindo contra mães.</li> </ul>
Flexibilização Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oferecimento de espaços para acolhimento de crianças em eventos promovidos pela universidade.</li> <li>- Flexibilização de prazos.</li> <li>- Oferecimento de opções de atividades remotas ou à distância.</li> <li>- Adoção de um protocolo simplificado para pedidos de abono de faltas por razões relacionadas ao cuidado.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora com informações do Guia de Como Instituições Podem Apoiar as Mães Estudantes do *Parent in Science* (2023)

## REFERÊNCIAS

- APÓS 15 dias de onda de calor, Porto Alegre tem previsão de máxima de 26°C nesta quinta. **G1 RS**, Porto Alegre, 26 jan. 2022, Climatempo. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/01/26/apos-15-dias-de-onda-d-e-calor-porto-alegre-tem-previsao-de-maxima-de-26c-nesta-quinta.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- ARMENTI, Carmen. Women faculty seeking tenure and parenthood: Lessons from previous generations. **Cambridge Journal of Education**, v. 34, n. 1, p. 65-83, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0305764042000183133>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- BAKER, Marzena; FRENCH, Erica. Female underrepresentation in project-based organizations exposes organizational isomorphism. **Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal**, v. 37, n. 8, p. 799-812, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/EDI-03-2017-0061>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, n. 6, jul./dez. 2014. Disponível em: [https://flacso.org.br/files/2016/04/caderno\\_gea\\_n6\\_digitalfinal.pdf](https://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf). Acesso em: 28 jun. 2023.
- BARROS, Suzane Silva; SABÓIA, Vera Maria; VIANA, Verônica Pinheiro. Challenges between academic life and breastfeeding: A systematic review. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8,, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17134>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- BARROSO, Carmen; MELLO, Guiomar Namó de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. **Cadernos de pesquisa**, n. 15, p. 47-77, 1975. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1813/1786> Acesso: 30 jun. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Dispõe sobre o ensino superior. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 abr. 1975. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6202.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6202.htm). Acesso em: 23 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2020**: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2020.pdf). Acesso em: 08 ago. 2023.
- CABRAL, Umberlândia. Mulheres com crianças até três anos de idade em casa têm menor nível de ocupação. **Agência IBGE**. Rio de Janeiro, 04 mar. 2021. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/notici>

[as/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao](#). Acesso em: 10 jul. 2023.

CNPQ anuncia inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes. **Gov.br**. Brasília, DF, 7 abr. 2021, Notícias. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/cnpq-anuncia-inclusao-do-campo-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes>. Acesso em: 24 ago. 2023.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, p. 221-231, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tKVjzy8dRNBxcLMT637PcHJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2023.

EDDY, Pamela L.; WARD, Kelly. Problematizing gender in higher education: Why leaning in isn't enough. **Critical approaches to women and gender in higher education**, p. 13-39, 2017. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1057/978-1-137-59285-9\\_2](https://link.springer.com/chapter/10.1057/978-1-137-59285-9_2). Acesso em: 11 jul. 2023.

FABBRO, Márcia Regina Cangiani; HELOANI, José Roberto Montes. Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. **Investigación y educación en enfermería**, v. 28, n. 2, p. 176-186, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-5307201000020004](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-5307201000020004). Acesso em: 10 ago. 2023.

FEIXA, Carles; INIESTA, Montserrat. Historias de vida y Ciencias Sociales. Entrevista a Franco Ferrarotti. **Perifèria: Revista de Recerca i Formació en Antropologia**, vol. 5, núm. 2, 2006. Disponível em: <https://repositori.udl.cat/items/e0e98d9a-edf1-4f08-b1b3-3ebb1d79ab1d>. Acesso em: 22 ago. 2023.

FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. **Convergencia**, v. 14, n. 44, p. 15-40, 2007. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-14352007000200002&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-14352007000200002&script=sci_arttext). Acesso em: 22 ago. 2023.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 25-49, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2023.

GUYOTTE, Kelly W. et al. List-keepers and other carrier bag stories: Academic mothers'(in) visible labor during the COVID-19 pandemic. **Women's Studies International Forum**. Pergamon, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277539523000821>. Acesso em: 24 ago. 2023.

IGOR, Alessandro; BALBINO, Cecília; LACERDA, Vinicius. **Situation Report: COVID-19**. Sala de Situação, Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: [http://repositoriocovid19.unb.br/wp-content/uploads/tainacan-items/672/90795/08.06.2021.SITREP.Mundo\\_.pdf](http://repositoriocovid19.unb.br/wp-content/uploads/tainacan-items/672/90795/08.06.2021.SITREP.Mundo_.pdf). Acesso em: 24 ago. 2023.

KRAUSE, Letícia Iório. **Mulher, trabalho e maternidade: demandas no retorno da licença maternidade**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde e Comportamento) - Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comportamento, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCPe\\_cd41850a9ed94960e5519861fc6c645f](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCPe_cd41850a9ed94960e5519861fc6c645f). Acesso em: 10 ago. 2023.

LOCH, Rayane Monique Bernardes; TORRES, Kelly Beatriz Vieira; COSTA, Carolina Rociate. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/wsmDtkBwsTk8JRST5xvpQsL/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MAMABOLO, Itumeleng; LANGA, Malose; KIGUWA, Peace. To be or not to be a mother: exploring the notion of motherhood among university students. **South African Journal of Psychology**, v. 39, n. 4, p. 480-488, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F008124630903900409>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MARANDET, Elodie; WAINWRIGHT, Emma. Discourses of integration and exclusion: equal opportunities for university students with dependent children?. **Space and Polity**, v. 13, n. 2, p. 109-125, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13562570902999775>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MIGUEL, Aline de Carvalho, et al. Maternidade e Mercado de Trabalho. **Revista Estudos e Negócios Academics**, v. 2, n. 3, p. 73-81, 2022. Disponível em: <https://portalderevistas.esags.edu.br/index.php/revista/article/view/77/78>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MISHRA, Shweta. Social networks, social capital, social support and academic success in higher education: A systematic review with a special focus on 'underrepresented' students. **Educational Research Review**, v. 29, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1747938X1830304X>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MONTEIRO, Marina Teixeira; MAIA, Noelen Alexandra Weise da. Mães na academia: uma análise interdisciplinar acerca da inclusão do item licença-maternidade no currículo lattes. **Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil**, v. 1, 2021. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/simpos-sul/article/view/16058>. Acesso em: 24 ago. 2023.

NAVARRO-CRUZ, Giselle Emilia et al. Accommodating life's demands: Childcare choices for student parents in higher education. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 62, p. 217-228, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2022.08.009>. Acesso em: 10 jul. 2023.

NOLL, Elizabeth; REICHLIN, Lindsey; GAULT, Barbara. College Students with Children: National and Regional Profiles. Student Parent Success Initiative. **Institute for Women's Policy Research**, 2017. Disponível em: <https://iwpr.org/wp-content/uploads/2020/08/C451-5.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PARENT IN SCIENCE. **Guia de Como Instituições Podem Apoiar as Mães Estudantes**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: [https://www.parentinscience.com/\\_files/ugd/0b341b\\_12c9844be3614fad90e35c65f7a7e4f.pdf](https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_12c9844be3614fad90e35c65f7a7e4f.pdf). Acesso em: 25 ago. 2023.

PARENT IN SCIENCE. **Sobre nós**. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PINHEIRO, Chlôe. **Golden hour: o que é a “hora dourada” do parto?**

POCOCK, Barbara; CHARLESWORTH, Sara; CHAPMAN, Janine. Work-family and work-life pressures in Australia: advancing gender equality in “good times”? **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 33, n. 9/10, p. 594-612, 2013. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IJSSP-11-2012-0100/full/html>. Acesso em: 22 ago. 2023.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar A. A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, p. 497-503, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/VTWrg5w4BMGj8MvSyFNKMtb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SANTORO, Paula Freire. Gênero e planejamento territorial: uma aproximação. **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, p. 1-16, 2019. Disponível em: <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/3378>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SIDELIL, Leul Tadesse; SPARK, Ceridwen; CUTHBERT, Denise. ‘Being in science and at the same time being a woman is difficult’: Academic women's experiences of gender inequalities in STEM academia in Ethiopia. In: **Women's Studies International Forum**. Pergamon, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2023.102717>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, Andressa Friedrich Ferreira da. **Dilemas relativos à maternidade e formação para a carreira acadêmica**. 2020. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/207265>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SILVA, Mariana Vargas Braga da Silva. **Inspirar, conectar e apoiar a gestão da diversidade: um guia de diretrizes para a inclusão e permanência da**

**diversidade organizacional**. 2022. Dissertação (Mestrado em Administração Sustentabilidade Socioambiental) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2022. 184p.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Vozes dos Vales**, v. 1, n. 2, p. 1-25, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126924>. Acesso em: 10 ago. 2023.

**Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP]**. Rio de Janeiro, 20 fev. 2020. Imprensa. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/golden-hour-o-que-e-a-hora-dourada-do-parto/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

STANISÇUASKI, Fernanda et al. Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. **Frontiers in psychology**, v. 12, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.663252/full>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TAUKENI, Simon. The main challenges student mothers experience to manage their dual roles. **International Journal of Advances in Psychology**, v. 3, n. 3, p. 94-98, 2014. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53701546/2014\\_Student\\_Mothers\\_dual\\_roles-libre.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53701546/2014_Student_Mothers_dual_roles-libre.pdf). Acesso em: 20 ago. 2023.

TEIXEIRA, Rodilon; DA COSTA LEMOS, Ana Heloísa; LOPES, Fernanda Tarabal. A história de vida na pesquisa em Administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 15, n. 4, p. 101-118, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4417/441769867009/441769867009.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

YILDIRIM, T. Murat; ELEN-ZIYA, Hande. The differential impact of COVID-19 on the work conditions of women and men academics during the lockdown. **Gender, Work & Organization**, v. 28, p. 243-249, 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/gwao.12529>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ZHANG, Kuo. "Finally, I told my professor I was pregnant." Becoming new mothers as international graduate students. **Linguistics and Education**, v. 63, p. 100922, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.linged.2021.100922>. Acesso em: 10 jul. 2023.